



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Laís da Conceição Santos Belarmino

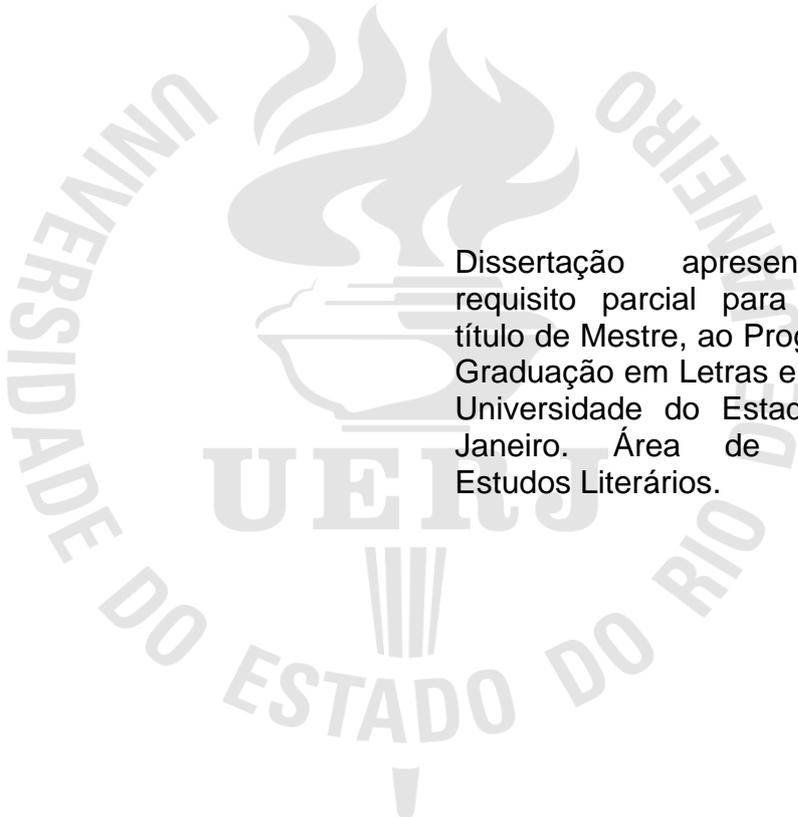
**O vampiro de Cascadura: narrativas criminais de Lúcio Cardoso
publicadas no jornal *A Noite* RJ (1952-1953)**

São Gonçalo

2021

Laís da Conceição Santos Belarmino

**O vampiro de Cascadura: narrativas criminais de Lúcio Cardoso publicadas no
jornal *A Noite* RJ (1952 - 1953)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Mendes

São Gonçalo
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

B426 Belarmino, Laís da Conceição Santos.
O vampiro de Cascadura: narrativas criminais de Lúcio Cardoso publicadas no jornal *A Noite* RJ (1952 - 1953) / Laís da Conceição Santos Belarmino. – 2021.
101f.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Cardoso, Lúcio, 1912-1968 - Crítica e interpretação – Teses. 2. Ficção gótica (Gênero literário) – Teses. I. Mendes, Leonardo Pinto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 - 4994 CDU 869.0(81)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Laís da Conceição Santos Belarmino

**O vampiro de Cascadura: narrativas criminais de Lúcio Cardoso publicadas no
jornal *A Noite* RJ (1952 - 1953)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Aprovada em 29 de setembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Mendes - (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Pedro Puro Sasse
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rogério Lobo Sáber
Universidade do Vale do Sapucaí

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Natan, ao meu esposo Axel, aos meus pais Nilo e Ilizete e a minha tia Beth. Que sempre acreditaram em mim e estiveram comigo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter estado comigo em todos os momentos.

Aos meus pais, Nilo e Ilizete, por terem me apresentado ao grande mundo que pode ser o livro e ao sonho de cada dia poder ser mais. E a minha tia/irmã, Beth, que lia para mim quando ainda não dominava esse mundo das letras.

Ao meu esposo, Axel, por todo amor e companheirismo. Por toda conversa e todo estímulo. Sou extremamente grata por tê-lo ao meu lado. E ao meu filho, Natan, por todo sorriso nos dias de cansaço.

Ao meu orientador, Leonardo Mendes, por ter me recebido de braços tão abertos em um momento tão confuso. Mas, ainda assim, acreditou em mim e que meu projeto poderia dar certo. Saiba que eu o considero um verdadeiro presente. Seus apontamentos e sua orientação me ajudaram a dar corpo ao trabalho e a pensar que ele pode ser mais do que o meu projeto de mestrado. Muito obrigada!

Ao meu querido Fernando Monteiro de Barros (*in memoriam*) que foi meu primeiro orientador assim que cheguei ao mestrado na UERJ. E que me apresentou a Lucio Cardoso (hoje tão admirado por mim), que se tornou meu objeto de pesquisa. Obrigada por cada aula, cada conversa, cada orientação. Quero acreditar que a minha persistência em continuar minha pesquisa te faz feliz no bom lugar em que está.

Aos amigos que o mestrado me deu: Dani Oliveira, Marcelle Siqueira e Leonardo Ramos. Entre perrengues e risadas conseguimos chegar ao objetivo.

A todos os professores que tive e que estão bem guardados em minha memória por cada contribuição e cada ensinamento. A vontade de ensinar nasceu em mim a partir da admiração que tinha pelos professores que me ensinaram.

Agradeço à Universidade Pública que forjou o meu caráter acadêmico na minha graduação (UFF), na minha pós-graduação lato senso (UFF) e na minha pós-graduação stricto senso (UERJ). O desejo do meu coração é que estas instituições voltem a ser reconhecidas e admiradas tal qual devem ser.

E a mim, porque, como diria Gilberto Gil “Andá com fé eu vou / Que a fé não costuma faiá”. E de passo a passo eu acredito que cada um constrói o nosso futuro. E, eu, estou construindo o meu.

RESUMO

BELARMINO, Laís da Conceição Santos. *O vampiro de Cascadura: narrativas criminais de Lúcio Cardoso publicadas no jornal A Noite RJ (1952 - 1953)*. 2021. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Lúcio Cardoso foi um artista de muitas faces. Talentoso, inteligente e inquieto, contribuiu não só para a arte da escrita, como também para outras artes, como o teatro e a pintura. A presente dissertação se propõe a analisar uma vertente pouco estudada de sua produção: o conto. De forma inédita, serão analisados os contos escritos por Lúcio Cardoso para o jornal sensacionalista *A Noite RJ*, publicados na coluna *Risos e Lágrimas da Cidade*, entre os anos de 1952-1953. Os contos têm como tema o crime em suas mais variadas formas e serão, por isso, classificados como “narrativas criminais”. Para levar a cabo o estudo, contaremos brevemente a história do periódico e da coluna. Veremos a circulação das narrativas ficcionais de crime pela perspectiva do jornal, do noticiário de crime e sensações, o chamado *fait divers*. Para compreender o realismo dos contos e as narrativas de crime, assim como a atmosfera de desilusão da vida do homem urbano inserido na modernidade, nos apoiaremos em Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire. Serão selecionados dez contos para uma análise de suas temáticas, personagens e estilo, com atenção aos ecos do Gótico presente nas narrativas. Esse trabalho pretende contribuir não só para os estudos da literatura de Lúcio Cardoso e do Gótico brasileiro, mas também da narrativa de crime e da literatura do jornal.

Palavras-chave: Lucio Cardoso. Literatura e periódicos. Narrativa de crime. Gótico.

ABSTRACT

BELARMINO, Laís da Conceição Santos. *The vampire of Cascadura: criminal narratives by Lúcio Cardoso published in the newspaper A Noite (1952-1953)*. 2021. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Lúcio Cardoso was an artist of many faces. Talented, intelligent, and restless, he contributed not only to the art of writing, but also to other arts, such as theater and painting. The present thesis aims to analyze a little-studied aspect of his production: the short story. We will analyze the short stories written by Lúcio Cardoso for the sensationalist newspaper *A Noite* RJ, published in the column *Laughs and Tears of the City*, between the years 1952-1953. The short stories have crime as their theme in its most varied forms and will, therefore, be classified as "criminal narratives". To carry out the study, we will briefly tell the history of the periodical and the column. We will look at the circulation of fictional crime narratives from the perspective of the newspaper, crime news and sensations, the so-called *fait divers*. To understand the realism of the short stories and crime narratives, as well as the atmosphere of disillusionment of the life of the urban man inserted in modernity, we will rely on Edgar Allan Poe and Charles Baudelaire. Ten short stories will be selected for an analysis of their themes, characters and style, with attention to the echoes of the Gothic present in the narratives. This work intends to contribute not only to the studies of Lúcio Cardoso's literature and of the Brazilian Gothic, but also to crime narrative and newspaper literature.

Keywords: Lucio Cardoso. Literature and periodicals. Crime narrative. Gothic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 21 de julho 1911	17
Figura 2 –	Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1915	18
Figura 3 –	Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 08 de março de 1934	21
Figura 4 –	Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 12 de março de 1952	23
Figura 5 –	Meia Hora, Rio de Janeiro, 22 de março de 2017	28
Figura 6 –	Jornal A Noite, 13 de setembro de 1911	29
Figura 7 –	Jornal A Noite, 29 de fevereiro de 1952	29
Figura 8 –	Rio de Janeiro, 29/01/1953. Edição: 14314	48
Figura 9 –	Década de 20. Publicação: 03/01/1925	94
Figura 10 –	Publicação 03/02/1937	94
Figura 11 –	Publicação: 24/01/1945	95
Figura 12 –	Publicação 30/05/1952	95
Figura 13 –	Publicação 26/12/1959	96
Figura 14 –	Publicação 20/12/1960	96
Figura 15 –	Um homem de sorte, edição 14073, página 10, publicação 1952	97
Figura 16 –	Noite, edição 14260, página 09, publicação 1952	97
Figura 17 –	Vampiro, edição 14321, página 05, publicação 1953	98
Figura 18 –	Carnavalesco, edição 14324, página 09, publicação 1953	98
Figura 19 –	Estação, edição 14326, página 09, publicação 1953	99
Figura 20 –	O cadáver, edição 14335, página 09, publicação 1953	99
Figura 21 –	Assombração, edição 14365, página 10, publicação 1953	100
Figura 22 –	No Banheiro, edição 14377, página 10, publicação 1953	100

Figura 23 –	Loteria, edição 14413, página 07, publicação 1953	101
Figura 24 –	Galatéia, edição 14437, página 09, publicação 1953	101

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A FICÇÃO QUE SE CONFUNDE COM A REALIDADE	15
2	“O CRIME DO DIA” NA FICÇÃO E NA REALIDADE	33
3	DO MELANCÓLICO AO SOMBRIO: CONTOS DE LÚCIO CARDOSO	39
3.1	Assassinato/tentativa de assassinato	40
3.2	Monstros reais, o infanticídio dentro dos contos	44
3.3	Risos e lágrimas da cidade	47
	CONCLUSÕES	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE - Fotos do Jornal A Noite RJ	55
	ANEXO - Coletânea dos contos escolhidos	93

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que histórias de suspense, crime e mistério me fascinam. Mesmo antes de começar os estudos sobre esses temas na universidade, meu imaginário já era alimentado por filmes e livros sobre o assunto. Tal admiração me levou a escrever, em 2016, a minha monografia de graduação em Letras, na Universidade Federal Fluminense, sobre a literatura fantástica.

Num primeiro momento voltei minha atenção para a literatura fantástica e suas ramificações: o fantástico estranho e o fantástico maravilhoso, entre o que poderia ser explicado de forma racional ou o que era simplesmente aceito, mesmo contendo todas as formas improváveis possíveis. E como *corpus*, escolhi falar sobre contos de fadas e sua conversa com a vida fora do “Era uma vez”.

Assim, meu projeto de monografia de graduação foi uma análise comparativa entre *Chapeuzinho Vermelho*, na versão dos Irmãos Grimm, com o filme *A Companhia dos Lobos* (1984), de Neil Jordan, e apoiada na releitura feita por Guimarães Rosa com o seu *Fita Verde no Cabelo* (1974). Sob a orientação da professora doutora Claudete Daflon, busquei, nesse estudo, desenvolver uma leitura crítica dos contos de fadas, com a intenção de destacar seus diversos sentidos e significações.

A escrita da monografia foi satisfatória porque mostrou que eu era capaz de desenvolver uma pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, outras ideias começaram a surgir no meu “radar” acadêmico. Nesse momento, ainda na graduação, comecei a participar do grupo de pesquisa “Leitura, Literatura e Saúde: inquietações no campo da produção do conhecimento (LeLis)”, coordenado pela professora Nilma Lacerda, com encontros na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Essa participação durou 3 anos e me motivou a fazer a prova de seleção para uma vaga na pós-graduação *lato sensu* na área de Literatura Infância Juvenil, na mesma instituição.

Fiz, passei e escrevi uma monografia sobre o direito à literatura e à formação do leitor, baseada na obra de Antônio Candido e na minha vivência com os meus alunos em sala de aula (na época eu dava aulas de literatura em um curso social de pré-vestibular). O plano para ingressar no mestrado começou a surgir nessa época, mas o projeto era o mesmo usado na monografia de graduação do curso de Letras,

com uma diferença: o gótico agora era o ponto de partida para uma releitura. Talvez um pouco mais sombria, mas com o mesmo *corpus*.

Agora numa nova casa, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus São Gonçalo, comecei a assistir como ouvinte às aulas da professora Eloísa Porto, com vistas a me inteirar sobre as pesquisas desenvolvidas no Programa e ser possivelmente orientada por ela se passasse na prova de ingresso. Mas quando isso aconteceu, em julho de 2018, devido às diferenças entre as pesquisas desenvolvidas pelos docentes, o professor Fernando Monteiro de Barros Junior acabou ficando como meu orientador. Até então não o conhecia, mas tive a grata surpresa de o conhecer e trabalhar com ele durante esse período.

O professor Fernando tinha o Gótico literário como foco de pesquisa e era um dos pesquisadores responsáveis por introduzir e desenvolver a hipótese de um Gótico no Brasil. Como agora eu focava no estilo para analisar os contos de Chapeuzinho, a sua orientação se encaixava perfeitamente na minha proposta de pesquisa. Entretanto, ao participar do primeiro congresso como aluna do PPLIN – o IV Congresso Internacional “Vertentes do Insólito Ficcional”; VII Encontro Nacional “O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional”; XV Painel “Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional” –, não senti segurança com o trabalho apresentado.

Ao conversar com o professor Fernando após a apresentação, ele expôs o mesmo sentimento de insatisfação e explicou que, para continuar no PPLIN, seria preciso procurar outras fontes e temas que dessem mais fôlego à pesquisa. Sugeriu pensar em outros autores para serem estudados sob a mesma perspectiva do Gótico.

Foi nesse momento que o nome do escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968) foi cogitado e começou a ganhar espaço. O professor Fernando me apresentou ao autor e aos seus contos, até então desconhecidos por mim. Os contos publicados por Lúcio Cardoso no jornal carioca *A Noite*, nos anos de 1952 a 1953, na coluna “Os crimes do dia”, chamaram a minha atenção e se tornaram o *corpus* do trabalho.

Há um trabalho sobre os contos de Lúcio Cardoso organizado pela pesquisadora Valéria Lamego, *Contos da Ilha e do Continente*, publicado em 2012. Entretanto, mesmo tendo estudado os contos do jornal *A Noite*, Lamego privilegiou os contos publicados nos periódicos *A Manhã* e *Correio Brasiliense*. Já a tese de

Doutorado da mesma autora, *O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950)*, traz alguns contos publicados no jornal *A Noite*, entretanto, a abordagem difere da buscada no presente trabalho, assim como não houve a análise de contos específicos, como há nesta dissertação.

No nosso trabalho, trazemos contos de Lúcio Cardoso que ainda não foram estudados, consideramos a escrita de Edgar Allan Poe e os traços góticos presentes nas histórias, assim como analisamos a forma com que as notícias são apresentadas no periódico ao lado da ficção. Por isso, consideramos que esta dissertação se destaca pelo ineditismo tanto de *corpus* quanto de abordagem.

Com a mudança de rumo, comecei a sentir mais segurança com o material da pesquisa e comecei a participar de congressos com apresentações sobre o gótico nos contos de Lúcio Cardoso publicados nos jornais.

A partir de março de 2020, fomos obrigados a dar uma pausa nas reuniões presenciais e nas participações em eventos por causa da pandemia do COVID-19. E entre tantos imprevistos que esse período trouxe, o pior deles foi o falecimento repentino do professor Fernando em fevereiro de 2021. Fernando faleceu em decorrência de um ataque cardíaco após passar mal. Contudo, em março fui acolhida pelo professor Leonardo Mendes, que assumiu a orientação do trabalho.

Com o novo orientador e após a reunião com a banca de qualificação, resolvemos retirar o Gótico do centro do trabalho e redimensionar o *corpus* como narrativas ficcionais de crime publicadas em periódico. O Gótico passa a ser, então, um dos elementos acionados para a compreensão do *corpus*. Tendo o crime como o plano de fundo da ação dos personagens, em cenários urbanos e rurais, os contos de Lúcio se confundem em temática e estilo com as notícias de delitos reais estampadas ao seu redor, como veremos.

E, assim, chegamos ao presente trabalho. No qual foram escolhidos 11 contos publicados no periódico *A Noite*, entre 1952 e 1953, que serão incluídos nesta dissertação (ANEXO). Os títulos escolhidos foram: “Um homem de sorte”, edição 14073, página 10, publicação 1952; “A Noite”, edição 14260, página 09, publicação 1952; “Vampiro”, edição 14321, página 05, publicação 1953; “Carnavalesco”, edição 14324, página 09, publicação 1953; “O cadáver”, edição 14335, página 09, publicação 1953; “Assombração”, edição 14365, página 10, publicação 1953; “No banheiro”, edição 14377, página 10, publicação

1953; “Loteria”, edição 14413, página 07, publicação 1953; “Galatéia”, edição 14437, página 09, publicação 1953; “Estação”, edição 14326, página 09, publicação 1953.

Importante mencionar que o título do presente trabalho foi retirado do conto “Vampiro”, por conseguir captar bem a atmosfera gótica e de narrativa criminal do subúrbio carioca. Além de trazer a cidade como o lugar sombrio. O conto será analisado no terceiro capítulo.

A seleção do *corpus* se baseou não apenas na preocupação em estudar o Gótico literário na ficção curta de Lucio Cardoso, mas também no interesse pelas relações entre o homem e a mulher na contemporaneidade, pela desilusão dos personagens por conta de determinadas escolhas, e por temas como vingança, cobiça e crime tematizados em textos literários. Em um comparativo, se pode dizer que buscamos nos contos de Cardoso a reação humana frente a situações impostas pela vida moderna, retratada como uma experiência sombria na cidade ou no campo, sejam elas pivô para situações que lembrem o Gótico ou não.

Assim, a divisão do presente trabalho se dará da seguinte forma: o primeiro capítulo traz uma apresentação de Lúcio Cardoso e sua obra, além da coluna “O crime do dia” (Jornal *A Noite*) e a história do próprio jornal. A circulação das narrativas ficcionais de crime também será explorada pela perspectiva do jornal, do noticiário de crime e sensações: o chamado *fait divers*. Do mesmo modo, será contextualizada a década em que os contos foram escritos.

O segundo capítulo traz a questão dos crimes descritos e do realismo dos contos. Será analisado como isso resulta da desilusão da vida do homem urbano inserido na modernidade. E como a desilusão está impregnada não só nas colunas do jornal, mas também na vida de quem o lê. É interessante pensar, também, no sentimento comum que alimenta e mantém periódicos sensacionalistas como o jornal *A Noite* até os dias de hoje, porque ainda apreciamos e consumimos as narrativas de crime.

Por fim, o terceiro capítulo traz uma análise dos contos, suas temáticas, personagens e estilo, tais como os ecos do Gótico presente nas narrativas. A análise não ficará restrita somente a traços góticos, já que há outros aspectos dos contos que não conversam diretamente com tal temática, mas que fazem parte da história. Então, nem sempre o Gótico será o ponto de partida para a análise, mas sim as sensações vividas dentro das histórias.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é analisar os contos de Lúcio Cardoso publicados no jornal *A Noite* durante nos anos de 1952 e 1953, sob a perspectiva da narrativa de crime. E a partir disso contribuir para os estudos não só da literatura de Lúcio Cardoso, do gótico brasileiro, e da literatura de crime, mas também do conto brasileiro e da literatura do jornal.

1 A FICÇÃO QUE SE CONFUNDE COM A REALIDADE

Ainda que o nosso foco seja nesse capítulo seja a relação de Lúcio Cardoso como o jornal *A Noite* (RJ), mais especificamente na produção da coluna *O crime do dia*. Não há como iniciar o presente texto sem antes mencionar sua jornada de vida, seja no âmbito pessoal como literário. Então, antes de adentrarmos no objetivo deste trabalho apresentaremos um pouco da vida desse escritor que tanto contribuiu para a literatura brasileira.

Joaquim Lúcio Cardoso Filho, nasce em Curvelo, Minas Gerais, a 14 de agosto de 1912, filho de Joaquim Lúcio Cardoso e de Maria Venceslina Cardoso, e irmão caçula de uma família de seis irmãos, entre eles, Adalto Lúcio Cardoso e Maria Helena Cardoso. Dentre os irmãos, vale destacar Adauto, cujo nome, devido à sua carreira como jurista, é tão comum nos jornais quanto o de seu irmão. Já Maria Helena, assim como Lúcio, foi uma escritora, tendo três livros publicados: *Sonata Perdida: Anotações de uma Velha Dama Digna* (Nova Fronteira, 1979); *Vida - Vida* (José Olympio, 1973) e *Por Onde Andou Meu Coração* (José Olympio, 1967). Com a temática memorialista, os livros lhe renderam os prêmios Fernando Chinaglia e Jabuti

Em 1913, Lúcio e a família mudaram-se para Belo Horizonte, onde permaneceram até 1923, quando se mudaram novamente, agora, para o Rio de Janeiro. Mesmo instalados na capital fluminense, Lúcio volta a Belo Horizonte a fim de concluir os estudos no Colégio Arnaldo e só retorna ao Rio em 1929. E é nessa época que escreve a peça *Reduto dos Deuses* que lhe rendeu elogios de Aníbal Machado.

Já no Instituto Superior de Preparatórios, torna-se amigo de Nássara e de José Sanz, com quem cria o Jornal *A Bruxa*, e passa a publicar novelas policiais. Entretanto, antes de publicar seu primeiro livro ainda trabalhou em uma companhia de seguros chamada *A Equitativa*.

Em 1932, já familiarizado com o meio literário, conhece Santa Rosa com quem funda a *Sua Revista*, que teve só uma publicação. E, é então, em 1934 que publica *Maleita*, que teve uma boa recepção, até mesmo do então temido crítico literário Agripino Grieco.

Com a publicação de *Maleita*, Lúcio foi considerado tão regionalista quanto os autores da década de 30, embora sua obra estivesse mais voltada para o estilo de Cornélio Pena e Vinicius de Moraes devido ao estilo literário intimista e introspectivo.

Em 1935, publicou *Salgueiro*, e, em 1936, *Uma luz no subsolo*, que lhe rendeu uma elogiosa carta de Mário de Andrade.

Nos anos seguintes continuou a escrever e a publicar romances e novelas, mas o ápice literário e reconhecimento veio com *A crônica da casa assassinada*, em 1959.

É importante frisar que, nesse tempo, Lúcio publicava, ainda, contos em periódicos, tendo como principal o jornal *A Noite* (RJ) (1952-1953), do qual falaremos com maior detalhe posteriormente.

Em 1961, publica *Diário 1º* com a pretensão de produzir 5 volumes, mas um derrame em 1962 o impediu de fazê-lo e foi Otávio de Faria que organizou o segundo volume que só foi publicado postumamente.

Nesse tempo, adaptando-se a sua nova normalidade, Lúcio voltou a sua arte para a pintura, além dos esboços escritos que retratavam sentimentos e lembranças. Lúcio Cardoso faleceu em 28 de setembro de 1968, na Casa de Saúde Doutor Eiras, no Rio de Janeiro, decorrente de um derrame cerebral.

Toda essa exposição da vida de Lúcio, entretanto, não descreve o espírito livre, precoce e avassalador do autor, que em sua essência, era um homem de paixões, e as permitia transparecer em sua arte. A considerar a inquietação e provocação em seus textos, era como se ele se propusesse a despilar feridas, normalmente, deixadas guardadas dentro da sua sociedade, sendo julgado, a época, muitas vezes como transgressor.

E mesmo esse adjetivo tendo peso sobre o nome do autor, ele não se intimidou em sua escrita. Pelo contrário, se e nos provocou o quanto pode através dela, vivendo da maneira que julgou melhor para si, mesmo que isso significasse viver ao extremo (ou, entre excessos), preocupando-se mais com seu legado artístico que com as conformidades aos padrões sociais de seu tempo.

E é esse Lúcio, multifacetado que iremos abordar neste texto, já que é esse autor que o *Jornal A Noite RJ* convidou para o seu quadro de colaboradores com o intuito de dar aos seus leitores uma literatura capaz de revelar, em seu olhar da sociedade, aquilo que, de outra forma, permaneceria velado aos espectadores.

Ainda que nosso interesse recaia sobre o material literário em si, vale, antes, apresentar um pouco mais da trajetória desse jornal, que, assim como Lúcio, tanto se transformou através dos anos de sua existência.

A *Noite* edição Rio de Janeiro nasceu da ideia de Irineu Marinho em ter o seu próprio jornal, quando ainda era editor da *Gazeta de Notícias* (1875/atual) Ideia essa que foi sendo amadurecida entre amigos e companheiros da redação, entre eles o escritor Paulo Barreto, também conhecido como João do Rio.

E em 18 de julho de 1911 nascia *A Noite* como o primeiro vespertino a circular no Rio de Janeiro. E como apostava na linguagem acessível, na temática popular, na crítica política e nos problemas da cidade para alavancar as vendas, logo conquistou o público e tomou o seu lugar nas tardes dos cariocas. Sendo um dos jornais mais modernos do começo do século XX. Abaixo uma das primeiras capas do *A Noite*:

Figura 1- Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 21 de julho 1911



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital, Edição 00004.

Podemos considerar o periódico como um desbravador quanto a sua forma de fazer notícias, principalmente, nas que tinham cunho investigativo e político. A saber que não poupava esforços para apresentar sua manchete, já que, sua equipe chegava a interferir diretamente nos fatos. Mas, se por um lado, se tinha esse caráter sensacionalista, por outro havia espaço de fala para situações como as de preconceito racial e para denúncias como quando *A Noite* se tornou uma das vozes contra o autoritarismo e a política econômica do presidente Hermes da Fonseca; ou quando se propôs a expor o preconceito racial vivido pelos integrantes do grupo musical *Os 08 Batutas* liderado por Pixinguinha e Donga.

Outras duas publicações que foram amplamente reconhecidas (nessa primeira fase do jornal) foram as campanhas promovidas contra o charlatanismo. Pois como essa forma de trapaça estava aumentando dentro da cidade, o jornal queria, através de um experimento social, demonstrar como era esse tipo de trabalho era, também, rodeado de enganação. Como podemos ver abaixo na capa publicada:

Figura 2 - Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1915



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital, edição 01430.

É interessante mencionar que o *fakir* Dioghi Harad, retratado na capa, não é ninguém menos que um dos redatores do jornal *A Noite*, Eustachio Alves. O intuito dessa reportagem era, assim, mostrar para a população o quão fácil ela poderia ser enganada, uma vez que estava crescendo essa prática nos bairros do Rio de Janeiro. Em um mês o falso *fakir* atendera centenas de pessoas, da alta sociedade até as mais humildes. A reportagem de cunho documental, nesse dia 14/12/1911, explicou com detalhes a motivação, o nascimento da ideia, a execução e o desfecho de toda essa história. A anetoda serve, aqui, para mostrarmos um pouco do caráter popular do jornal, seu contato direto com o público e a exploração eficaz das ferramentas do sensacionalismo jornalístico.

A Noite RJ havia conquistado, então, seu lugar no gosto do público, mas não há como não mencionar que um ponto importante para esse sucesso, além das reportagens, foi o olhar inovador do seu fundador, Irineu Marinho, que usou o meio de comunicação para vincular não só notícias, como também livros (através das Oficinas Gráficas d' *A Noite* e do selo Empresa de Romances Populares) e até a produção de filmes (que, no entanto, não deu tão certo).

Tanto posicionamento político causou, contudo, a Irineu uma série de perseguições e até ameaças de prisão. Tanto que em 1914, após o governo considerar estado de sítio, o jornal *A Noite* teve a sua publicação suspensa por alguns dias, devido as suas posições políticas. Mais tarde, em 1922, Irineu seria preso no quartel da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, por um período de quatro meses, após *A Noite* declarar sua simpatia pelos tenentes da revolta dos 18 do Forte de Copacabana.

Em 1924, devido a alguns problemas de saúde Irineu Marinho se viu obrigado a se ausentar do jornal. Negociando as suas ações com seu sócio minoritário Geraldo Rocha. A viagem, entretanto, não foi só um meio de recuperação de saúde, como também, uma busca por novas reportagens para o jornal. Já que a sua volta teria que ser adiada pelo medo iminente de ser preso novamente. Dessa vez por ter se mostrado apoiador da Revolta Paulista de 1924 (segunda revolução tenentista). A demora na volta, contudo, deu a Geraldo Rocha tempo para organizar a saída de Irineu Marinho do periódico *A Noite RJ*, já que Geraldo não cumpriu o acordo firmado com Irineu em sua saída para o tratamento de saúde, que previa o resgate das ações (e conseqüentemente da direção do jornal) se ele sobrevivesse à cirurgia.

Como já não poderia ter o mesmo poder e liberdade dentro do jornal que fundara, ainda que considerado o presidente (de forma ilustrativa, já que não detinha mais as suas ações), Irineu Marinho renunciou ao seu cargo e desligou-se do jornal *A Noite* em 1925. Vindo a fundar o novo vespertino *O Globo* alguns meses depois, em 29/07/1925. Acompanharam Irineu Marinho 33 jornalistas do seu antigo jornal.

Iniciava assim, a segunda fase do *A Noite*. Com a nova direção, o jornal mudou não só de sede como também de localização. Nesse período Geraldo Rocha iniciou a construção do Edifício Joseph Gire, que seria considerado o marco arquitetônico do país, por ser o maior e mais moderno edifício até então construído, servindo de sede para o jornal até a década de 30 – e por isso, mais conhecido como Edifício *A Noite*.

Contudo, a estadia de Geraldo Rocha a frente do jornal não foi marcada só por vitórias, tendo sido uma das maiores infelicidades a sua prisão e o fechamento do jornal após a vitória de Vargas na conhecida Revolução de 30. A sede, até então nova, foi depredada e incendiada e o jornal não rodou durante quatro dias.

Com as dívidas oriundas da construção e maquinário, e com os desgastes políticos (a considerar que a parte apoiada foi a derrotada) e sem conseguir cumprir com o compromisso financeiro assumido com o empresário norte-americano Percival Farquhar, proprietário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Geraldo assinou uma confissão de dívida, que o levou a perder todos os seus bens e as suas ações do jornal, importante mencionar que durante muitos anos, Geraldo Rocha fora representante no Brasil desse grupo estrangeiro.

E como não conseguiu quitar com o acordo financeiro, em 1931, foi executada a dívida e o jornal passou a pertencer ao grupo proprietário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

Entrando em sua terceira fase, agora, comandado por um grupo estrangeiro, *A Noite RJ* mudou não só a sua postura política, tornando-se mais brando, como também a sua disposição gráfica, dando maior destaque para fotos e manchetes (figura 3). O jornal começava a adquirir, aqui, o formato em que, posteriormente, encontraremos as publicações de Lúcio.

Figura 3 - Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 08 de março de 1934



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital, edição 08002.

Aqui, o jornal entra em sua primeira fase de recuperação e expansão. A começar pela revista *Noite Ilustrada*, que após a má gestão anterior caíra em estagnação, mas que, nessa fase, ganhou uma nova perspectiva e se expandiu. Nesse período houve, também, a criação de duas outras revistas, a *Carioca* e a *Vamos Ler*, sendo Raimundo Magalhães Júnior o escolhido para dirigi-las. Dedicada ao teatro, ao cinema e ao rádio, com ilustrações abundantes e textos sugestivos, *Carioca* alcançou uma tiragem de mais de 150 mil exemplares semanais. Já a *Vamos Ler*, apesar de possuir um gênero mais literário do que jornalístico, também teve boa aceitação, embora não tenha obtido um sucesso tão grande e tão rápido.

Um fato importante durante essa fase foi a inauguração de uma emissora de radiodifusão, a *Rádio Nacional*, sendo a primeira a ter alcance (praticamente) em todo território brasileiro. A emissora funciona até os dias de hoje, pois, apesar de ter sido criada por uma empresa privada, foi estatizada por Getúlio Vargas em seu Estado Novo em 08 de março de 1940, virando a rádio oficial do governo brasileiro.

Não há dúvida que esse período foi de grande desenvolvimento para o jornal, mas, ao mesmo tempo, foi um período de grande expectativa de um ato governamental para tornar o periódico patrimônio do governo federal. Expectativa essa que foi concluída em 08 de março de 1940, quando através de um decreto houve a ocupação pelo governo da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e de todas as empresas a ela filiadas, o que incluía: *A Noite* e a *Rádio Nacional*.

E é nesse cenário que o *A Noite* entra em sua quarta e última fase, agora, pertencente as denominadas Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional e sob o comando do coronel Luís Carlos da Costa Neto, que não cumpria a sua função, pois não aparecia para o trabalho. Então, mesmo com o respaldo do governo, a falta de interesse por falta da direção gerou a crise administrativa que agravou ainda mais os problemas financeiros do *A Noite*, assim como a perda dos seus leitores. O trecho a seguir ilustra bem o momento que o jornal passava:

Passando a fazer parte das Empresas Incorporadas do Patrimônio Nacional, a administração de *A Noite* ficou a cargo do superintendente do órgão, coronel Luís Carlos da Costa Neto. A direção propriamente do jornal foi entregue ao jornalista André Carrazoni. O novo estágio foi marcado por inúmeras dificuldades administrativas, centradas em dois problemas básicos: o empreguismo e o desperdício de recursos. Além de ter seu custo elevado e sua receita diminuída, o jornal viu-se tolhido por seu compromisso com o governo como órgão de informação e de opinião, perdendo continuamente seus leitores. Segundo Carvalho Neto, “a independência de *A Noite* incomodava o governo, e a alternativa era transformá-lo num ‘diário oficial’... Assim, *A Noite*, no decorrer dos 17 anos de encampação, transformou-se por decreto em órgão de elogio obrigatório a todos os governos”. (CARVALHO, p. 05)¹

Sobre isso, é nítida a diferença entre as primeiras publicações do jornal e as que se seguiram. O cunho político dava espaço para um jornal bem mais sensacionalista e explorador das notícias policiais, ainda mais daquelas que envolviam crime (figura 4).

¹ Artigo sobre as fases do Jornal *A Noite* RJ, bibliografia: CARVALHO NETO. Norte; ENTREV. CARVALHO NETO; ENTREV. MAGALHÃES, M.; Noite; SKIDMORE, T. Brasil.

Figura 4 - Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 12 de março de 1952



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital, edição: 14041

É ainda nessa quarta fase, já na década de 50, que Lúcio ingressa como colunista do jornal. Considerado um autor em ascensão, Lúcio foi convidado para escrever sobre o cotidiano, mas sem deixar o lado policial já amplamente conhecido pelo leitor do periódico, como bem explicado na chamada que falava da sua chegada ao jornal, como podemos ver na transcrição abaixo:

Desde hoje, conta este vespertino um novo colaborador, o jovem e brilhante escritor Lúcio Cardoso, laureado pela fundação "Felipe de Oliveira", pelo conjunto da sua obra de poeta, romancista e teatrólogo. Estreando em 1934, com o livro *Maleita*, conquistou, desde logo, prestigioso lugar, entre a nova geração. Publicou, sucessivamente, numerosos outros volumes que a crítica recebeu com aplausos.

É esse marcante valor das letras nacionais que vem fazer parte agora da redação de *A Noite*, em cujas colunas escreverá, diariamente, uma nova seção, intitulada *O Crime do Dia*. Entre os episódios que formam a matéria

habitual da reportagem policial, Lucio Cardoso escolherá o que lhe parecer mais sensível ou palpitante, a fim de transportá-lo para o plano literário, amenizando-lhe a crueza da realidade com os delicados matizes da arte do ficcionista e, ao mesmo tempo, de argumento observador da alma humana. (Jornal *A Noite*, p. 12, quarta-feira 02 de abril de 1952)

Um outro motivo pelo qual Lúcio foi chamado para escrever foi para concorrer com a coluna de Nelson Rodrigues, que nesse período escrevia *A Vida Como Ela É*, no jornal *Última Hora* (RJ). E segundo Hildon Rocha (*Carroussel das Letras*), apesar de haver essa competição, a escrita de Lúcio era superior a de Nelson, já que o autor gozava de mais poder poético e imaginação, fato que fazia, segundo Rocha, com que seus textos tivessem mais bom gosto do que o do “o autor dos dramas horrendos que a polícia tem proibido e que o realiza com quase vulgaridade cotidianamente”, como pode ser visto na transcrição abaixo.

Lúcio Cardoso, Poeta Satírico

O romancista Lúcio Cardoso, que antes era retratado, insociável, resolveu aderir à vida comum de todos nós. Entrou para o tradicional vespertino *A NOITE* como o contista e o cronista dos assuntos mais palpitantes e escabrosos da vida carioca. E todo o dia, inspirando-se nos acontecimentos ou empurrado por sua inesgotável imaginação de romancista trágico, delicia o público sequioso de histórias fortes com casos os mais espantosos. São histórias de espantar como diria Jorge Amado.

A nova seção literária assinada pelo sombrio autor de “A luz no Sub-Solo” passou a concorrer, aliás com evidente superioridade, com a de Nelson Rodrigues, da “Última Hora”. Lúcio, dono de maiores recursos literários, mais poder poético e mais imaginação, faz com bom gosto o mais das vezes, o que o autor dos dramas horrendos que a polícia tem proibido, realiza com quase vulgaridade cotidianamente. Deu-se Lúcio, ultimamente, em matar o tempo que lhe sobra na redação, fazendo quadrinhas venenosas e ao gosto dos satíricos mais impenitentes. (...)

E assim se deu a sua experiência no jornal, que durou de abril de 1952 até julho de 1953, através da coluna *O Crime do Dia*. Foram mais de 200 contos, publicados na seção *Risos e Lágrimas da Cidade*, que variava entre as páginas 5 e 9 do jornal. Vale ressaltar, ainda, que o cerne dos contos, também, era a tragédia que quase sempre terminava em um crime que aproximava ainda mais os contos das notícias. Os contos eram publicados no canto interno da página (esquerdo), e o seu tamanho variava entre meia ou uma página inteira.

Apesar de ganhar uma roupagem literária, é importante frisar o esforço do jornal em aproximar os textos de Lúcio das notícias reais de crime ali publicadas. Uma vez que os contos não surgiam em uma página separada só para entretenimento, mas eram publicados ao lado das notícias que quase sempre

relatava algum crime, com a ajuda da diagramação, conseguia-se fazer parecer que as fotos publicadas na página faziam parte da narrativa.

Apesar do sucesso desse tipo de material, a década de 50 não foi nada fácil financeiramente para o jornal já que os problemas administrativos não foram solucionados, fazendo com que em meados de 1957 houvesse o fechamento da redação por tempo indeterminado. Somente dois anos depois, por iniciativa de seus ex-funcionários, foi feita uma edição que contava um pouco da história do periódico, que, por alguma barreira jurídica, não passou da primeira edição. O fenômeno se repetiu, ainda, no final de 1959, quando o jornal voltou a circular em uma edição tão modesta quanto a anterior, durando, também, uma única publicação.

A *Noite* só voltaria a circular praticamente um ano depois da última tentativa de publicação, em dezembro de 1960. Agora sob a direção de Eurico de Oliveira o jornal era distribuído, também, em Brasília, Niterói e São Paulo. Infelizmente, o fôlego do *A Noite* já não era mais o mesmo, e a última edição se deu em agosto de 1964. Tendo o seu fim marcado pela fragilidade financeira e pelo início do mandato de Eurico de Oliveira.

Essa longa retrospectiva serve aqui, não apenas para reforçar essa história do periódico, mas para nos dar uma visão panorâmica das fases do jornal, que serão responsáveis por pautar a maneira como o crime é representado em suas páginas, nos permitindo, assim, melhor encaixar os contos de Lúcio em seu contexto de publicação.

Torna, assim, necessário retornar à questão gráfica do jornal quando houve a mudança não só no estilo das matérias, como na diagramação das capas, porque, se antes o jornal *A Noite* já tinha como objetivo alcançar o grande público pelo seu preço barato e matérias do cotidiano, nessa nova diagramação reforçavam o caráter sensacionalista através do apelo visual e do conteúdo chocante.

Tal apelo era (de certa forma) esperado também nos contos de Lúcio Cardoso, que, por mais curtos que fossem (normalmente, as histórias ocupavam somente o canto esquerdo da página, do início até a metade da folha. Ou, o meio, bem abaixo do nome da seção), precisavam, por um lado, supostamente apresentar uma realidade identificável aos seus leitores, e, por outro, usar a ficção para intensificar a tensão, o choque, o terror ou o caráter trágico de cada narrativa. Priorizando histórias que retratavam as classes populares envolvidas em crimes e

tragédias, a coluna atingia seu objetivo de causar comoção entre o público, que se identificava com a condição das personagens apresentadas.

Lúcio aproveitava essas narrativas sensacionalistas, no entanto, para iluminar assuntos até então renegados, ou pelo menos não tão falados, quase tabus. Tais como traição, assassinato, gravidez na adolescência, vingança, entre outros.

Esse contato da literatura, com o sensacionalismo e essa fronteira com o real remete esses contos ao modelo jornalístico do *fait divers*, a fatos diversos abordados de maneira a despertar um maior interesse em quem está lendo, nem que para isso se tenha que escrever de forma apelativa, inusitada e quase sempre trágica. Para um leitor do *fait divers* não era tão importante a notícia de fato, mas a história inusitada apresentada ali: o gênero se completava em si mesmo. E *A Noite* não demorou a perceber que era justamente esse tipo de notícia que ajudava a vender o jornal. Tal apelo vem, de acordo com Danilo Sobrinho Angrimani, de certos aspectos reprimidos do homem, que encontram vazão justamente nessas fantasias de violência encontradas em muitos dos *fait divers*:

como “essas bizarrices do comportamento humano que refletem a natureza verdadeira do homem”. Os sonhos inconscientes de sadismo e assassinatos atuam no *fait divers* como “a personificação de instintos, simplesmente reprimidos pelos outros homens, a encarnação de seus crimes imaginários, de suas violências sonhadas” (...) (1994, p. 26).

Além da exposição desse lado obscuro do homem, o *fait divers* também é a seção do jornal destinada para retratar as tragédias e outras excepcionalidades que ocorrem no dia-a-dia, o que encaixa perfeitamente na forma de fazer notícia do *Jornal A Noite* RJ, principalmente, entre as décadas de 40 e 50, já que nesse período, parece haver mais destaque para notícias de crimes, acidentes e escândalos do que outros assuntos. As imagens explícitas, as letras garrafais, as chamadas sensacionalistas sempre remetiam para a tragédia, tendência acompanhada pelos contos de Lúcio. Era como se o jornal fosse destinado a mostrar os piores lados da cidade E, através disso, chamar a atenção dos seus leitores. Dion expõe bem isso quando diz:

O *fait divers* é também comumente associado ao horror e ao drama sangrento. Ainda que os acontecimentos mais freqüentes narrados pela crônica dos *faits divers* sejam aqueles que relatam uma morte violenta, ainda que a morte seja, de fato, o acontecimento privilegiado, não se pode, entretanto, qualificar esta rubrica de “rubrica do horror”. Os temas

explorados pela crônica dos *fait divers* são certamente restritos, mas não se limitam à morte. A crônica dos *fait divers* se interessa igualmente pelos suicídios, por certos tipos de acidentes, catástrofes naturais, monstros e personagens anormais; por diversas curiosidades da natureza, tais como os eclipses, os cometas, as manifestações do além, os atos heróicos, os erros judiciários e, enfim, por anedotas e confusões. Como podemos constatar com a leitura destes temas, o *fait divers* é sempre a narração de uma transgressão qualquer, de um afastamento em relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural). (1994, p.46)

Interessante mencionar que essa forma de fazer notícia não era uma novidade nem aqui nem nos jornais estrangeiros – o *fait divers* remete ao século XIX. Analisando todas as fases vividas pelo jornal, cabe pensar que a opção por essa forma de abordagem já em meados do século XX foi uma forma de despolitizar um veículo que, no passado, tanto foi punido por seus posicionamentos, o transformando em um meio de conduzir e até alienar quem o estava lendo.

ligado ao aparecimento da imprensa de massa, iniciada no século XIX, o *faits divers* era associado às camadas populares por não envolver nenhum assunto que exigisse do leitor um conhecimento prévio ou uma leitura acompanhada de outro meio informativo. Para um público alienado e sem muito tempo para leitura, essas notícias instantâneas e autossuficientes eram muito mais palatáveis que as reportagens mais complexas que marcavam a imprensa mais elitizada. Como exemplifica Sylvie Dion, no trecho abaixo:

Por volta da metade do século XIX produz-se uma mudança notável: o jornal tende a sair do seu isolamento aristocrático e, reduzindo seu preço de venda para colocar-se ao alcance de todos os bolsos, procura conquistar o imenso público popular que ele não tinha conseguido atingir até o momento. É o nascimento da imprensa popular a um tostão. Além de ser acessível para pessoas mais simples, o que não era o caso das “gazetas” e das “notícias à mão”, estes jornais oferecem ao grande público uma informação essencialmente composta de *fait divers* apresentados de uma maneira romanceada e naturalmente melodramática. O jornal ao preço de um tostão rapidamente ganhou as graças do público e destronou os modos tradicionais e difusão (p. 128).

Vindo brevemente aos dias atuais, podemos perceber que tais práticas sensacionalistas ainda persistem, sobretudo nos veículos destinados às camadas populares. Se, na época do jornal *A Noite*, o crime já era uma das principais formas de chamar a atenção, hoje em dia esse apelo conta também com o apoio do teor sexual e do humor ácido das notícias, tanto nos tradicionais meios jornalísticos como nos televisivos e digitais. Um bom exemplo de programas atuais que exploram essa mesma estrutura que identificamos no *A noite*, são aqueles de veiculação de crimes,

como *O Cidade Alerta* e seus semelhantes e jornais impressos que seguem a mesma linha do popular *Meia Hora* (RJ) (figura 5) ou *O povo*

Figura 5 - Meia Hora, Rio de Janeiro, 22 de março de 2017



Fonte: Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/meia-hora/2017-03-22/>

De volta ao *A noite*, vejamos a diferença drástica na apresentação do jornal entre sua primeira fase (figura 6) e a posterior à virada sensacionalista (figura 7)

Figura 6 - Jornal A Noite, 13 de setembro de 1911



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital: edição 00050, acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_01&pagfis=200

Figura 7 - Jornal A Noite, 29 de fevereiro de 1952



Fonte: Disponível em Biblioteca Nacional Digital edição 14031

É possível perceber que, após as mudanças, as manchetes se tornam mais importantes do que o próprio nome do jornal, que se perde entre uma foto e uma outra chamada. É como se o jornal gritasse a notícia para os seus leitores e, assim,

conseguisse chamar atenção suficiente para atraí-los só pela manchete de capa. E isso faz sentido quando consideramos que a primeira etapa de comunicação do jornal é a sensação transmitida por sua capa. Nesse caso o sentimento de reconhecimento é reforçado pelo conteúdo das notícias. Se antes predominavam questões políticas, concernentes à situação do país, depois, vemos o crime e a violência ganharem espaço, mais próximos à realidade de boa parte dos leitores.

Não há como dissociar toda essa exploração dos crimes das mudanças que a própria sociedade vivia, sobretudo nas grandes metrópoles, sendo a cidade amplamente representada como um espaço de constante ameaça. A exploração exacerbada das ansiedades relativas ao espaço urbano, levava, contudo, a uma conseqüente banalização dessa violência, criando, assim, uma demanda por conteúdos ainda mais sensacionalistas. Como bem diz Singer:

Jornais sensacionalistas tinham uma predileção particular por imagens de “instantâneos” de mortes de pedestres. Essa fixação ressaltava a ideia de uma esfera pública radicalmente alterada, definida pelo acaso, pelo perigo e por impressões chocantes mais do que por qualquer concepção tradicional de segurança, continuidade e destino autocontrolado. A morte não natural, desnecessário dizer, também havia sido uma fonte de medo nos tempos pré-modernos (em particular com relação a desastres epidêmicos e naturais e a falta de alimentos), mas a violência, o caráter repentino e aleatório (e, em certo sentido, a publicidade humilhante) da morte acidental na metrópole parecem ter intensificado e focalizado esse medo. (2001, p. 126-7)

Pensar isso na época do *A Noite* é considerar que população estava mudando, e o leitor que o periódico tinha no ano de seu lançamento já não era mais o mesmo 40 anos depois. A sociedade vivia o auge dos anos 50, o que representa uma cidade já inserida na modernidade, mas, ainda em crescente expansão. Passando por revoluções tecnológicas e políticas com evidentes implicações sociais, especialmente quando consideramos o ponto de vista comunicacional, pois é nesse período que as propagandas invadem a rádio e a recém-chegada televisão.

Como expõe Ben Singer,

(...) no entanto mais do que simplesmente apontar para o alcance das mudanças tecnológicas, demográficas e econômicas do capitalismo avançado, Simmel, Kracauer e Benjamin enfatizam os modos pelos quais essas mudanças transformaram a estrutura da experiência. A modernidade implicou um mundo fenomenal - especificamente urbano - que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que

se acotovelavam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem. (p. 116, 2001)

O indivíduo passou a ser todo tempo impulsionado a algo. Seja para comprar, comer ou fazer. Não havia mais espaço para o silêncio.

E neste contexto, ainda citando Ben Singer, temos que concordar que,

A imprensa ilustrada oferece um registro particularmente rico de fixação da cultura nos ataques sensoriais da modernidade. Revistas cômicas e jornais sensacionalistas observaram de perto o caos do ambiente moderno com um alarmismo distópico que, em graus variáveis, caracterizou muito do discurso do período sobre a vida moderna. (p. 119, 2001)

Tal visão é bem ilustrada pelo jornal *A Noite*, sobretudo após sua reformulação. Quando analisamos os temas escolhidos, a distribuição e apresentação das notícias e as fotos que os editores escolhiam, percebemos a visão que o jornal construía desse mundo moderno.

Vale destacarmos, pensando mais a fundo nesse contexto social da década de 50 que apesar de conhecida como os anos dourados brasileiros, essa foi também uma época de grande desigualdade social e tão problemática quanto aquelas que a sucederam. A diferença era que nessa época a violência, a pobreza, tudo o que destoava da segurança do cidadão de bem não estava tão latente e amostra como hoje. A começar que havia dois territórios distintos: o moderno e o arcaico. Que não conversavam entre si. E, assim, davam a sensação do que o que se via de melhor era o todo, quando na verdade não era. Zuenir Ventura (1994) escreve sobre essa distopia e fala que:

As histórias não deixam dúvida de que houve um tempo em que o Rio parecia de fato um paraíso.
O Rio ou um dos Rios?
Assim como uma teoria da época anunciava a existência de "dois Brasis", um moderno e outro arcaico, um urbano e outro rural, já havia também dois Rios, mas as distâncias sociais pareciam menores. (p. 10)

Zuenir consegue expor bem essa desigualdade em seu livro quando divide a narrativa em duas partes, sendo a primeira um panorama dos anos 50, e a segunda sobre a violência que ocorria quando o livro estava sendo escrito, nos anos 90. O

primeiro momento expõe não só o surgimento, como também o crescimento de tensões que viriam a estourar anos depois. E, talvez, a comparação entre os anos 50 e 90 deu-se pelo fato da onda de violência vivida neste último. Uma vez que, era mais fácil viver do saudosismo da década em que não havia um nome ou um rosto (criminoso) inimigo das autoridades. Mesmo se já existissem.

Interessante pensar que nessa época as notícias de crime dificilmente retratavam alguma ação que envolvia arma de fogo. Diferente das notícias que vemos atualmente. As transgressões da época envolviam mais suicídio, assassinato, batida de veículos, entre outros.

E era essa cidade que Lúcio precisava retratar nos contos. A cidade gloriosa e ao mesmo tempo ainda presa em um ambiente rural que conseguia fazer com que o malandro e a mocinha inocente caminhassem lado a lado. E que ainda se mostrava presa aos bons costumes da época. Já que, qualquer transgressão era uma admissão de culpa e rótulo como será visto mais adiante na análise dos contos.

Assim, há de se considerar que mesmo Lúcio sendo um autor de várias faces, a sua estadia no jornal *A Noite* RJ contribuiu e conversou com muitos de seus romances. Se, por um lado, o sensacionalismo foi uma estratégia de amenização dos atritos políticos pelos quais passou o jornal, alienando a população em notícias mais relevantes pelos efeitos de leitura causados que pela relevância política das informações, por outro, Lúcio foi capaz de explorar esse tema para além do mero choque, trazendo, nas limitações do seu suporte e do público para o qual escrevia, muito do que explorava em produção literária canônica.

2 CRIME E GÓTICO EM “O CRIME DO DIA”

Ainda que a crítica tradicional não saiba bem como encaixar essa produção peculiar de Lúcio em sua trajetória literária, ao nos aproximarmos dos estudos de literatura de crime, podemos ver um alinhamento dos textos de *O crime do dia* com uma tradição da narrativa criminal brasileira. No entanto, sendo um autor muito marcado pela poética gótica, Lucio vai carregar muito dos tropos do gótico para essas narrativas.

O gótico se faz presente nos contos a partir do momento que a narrativa leva o leitor a um final trágico, que lembra (em parte) o gótico masculino, além da história ser repleta de tensão (assim como a estética gótica). E como descreve Júlio França, é cabível admitir a possibilidade de os personagens se comportarem como pessoas reais se comportariam em tal situação. Não há grandiloquência, símiles, floreios, digressões ou descrições desnecessárias. Tudo leva diretamente à catástrofe. A atenção do leitor nunca relaxa. (FRANÇA; ARAÚJO, 2017, p. 64)

E por mais que não se tenha a presença do sobrenatural, as fantasmagorias se fazem presentes no cenário e no enredo e não na aparição de fantasmas. Pois, assombram a modernidade industrial, a respeito das mercadorias e da sociedade capitalista (BARROS, 2020).

O que abre margem para entendermos que o gótico é um gênero presente em nosso cotidiano. Uma vez que, ele não é antirrealista, e sim, uma narrativa que traz essa proximidade com o real. E a cidade, aqui, ajuda (e muito) nessa proximidade.

Se estivermos corretos, a literatura do medo no Brasil é alimentada por causas naturais, sobretudo por temores relacionados à imprevisibilidade do “Outro”, a violência e a crueldade irracionalmente naturais do ser humano, fonte constante de um mal ainda mais terrível por sua aleatoriedade. Sendo assim, parece razoável afirmar que os centros urbanos modernos, aglomerados humanos nunca vistos na história do homem, passaram a ser s principais ambientes geradores do medo. (FRANÇA, 2013, p. 70)

Assim,

Nas narrativas que se desenvolvem em espaços urbanos, por outro lado, a cidade é o habitat de outro tipo de ser ameaçador, o monstro humano, cuja má fama é construída e sustentada pela recorrência de crimes abomináveis retratados pelos noticiários. Se no campo a ameaça está nos locais ermos, nas fronteiras do mundo dos homens, onde imperam as leis do

desconhecido, na cidade a ameaça está incógnita na multidão, onde o perigo, ainda que previsível, não pode ser evitado. (FRANÇA, 2013, p. 71)

Sem mencionar as metáforas presentes no texto, pois por mais que se assemelhe a algo real, o texto assume caráter imaginativo, ficcional. A forma melodramática também está presente na narrativa de Lúcio, visto que, ela ajuda a causar a tão esperada comoção no leitor.

A sexualidade e o patriarcado (ou o gótico familiar), ambos, de certa forma, decadente, também são assuntos explorados por Lúcio.

Certo que não há intenção de dizer que o gótico presente nas narrativas de Lúcio é o mesmo gótico presente na narrativa do *Castelo de Otranto* ou em outra narrativa tão tradicional quanto. Diferente disso, há de se considerar as transformações sofridas por esse gênero através dos anos. Entretanto, o Gótico institui como uma poética da modernidade, uma face sombria do moderno, assim como o Barroco, o Maneirismo e o próprio Romantismo. Acompanhando o estágio da modernidade atual e coincidindo com a modernidade urbana e industrial (BARROS, 2020). Ou como bem pontua França:

Chamamos, portanto, de “gótica”, a prosa ficcional que envolve o mistério e o terror, os ambientes lúgubres, como castelos arruinados, passagens secretas, os fantasmas e entidades sobrenaturais, e que tematiza os medos mais profundos do ser humano. Ela não se restringiu à literatura inglesa oitocentista, pelo contrário, ao longo de mais de três séculos originou diferentes vertentes e foi assim assimilada por diversas poéticas que encontraram no Gótico os recursos necessários para figurar uma ideia sombria da sociedade. (FRANÇA; ARAÚJO, 2017, p. 63)

Assim, pensando nessa modernidade na qual os contos estão incluídos não podemos deixar de mencionar Pedro Sasse quando diz que,

O gótico, profundamente marcado pelo *locus horribilis* e pela presença do monstro, acabará ecoando esse par nas características encontradas na narrativa criminal, em que as heterotopias marcarão os espaços próprios da criminalidade, muitas vezes caracterizados como verdadeiros *locus horribilis* da narrativa criminal, e os criminosos serão construídos como figuras que representam uma alteridade monstruosa ao longo de todo esse subgênero da ficção de crime. (p.162, 2020)

Aqui quem ganha destaque é o criminoso, que faz com que a história gire e termine em seu entorno. É ele quem conduz e centraliza a narrativa, pois é a partir dele que os destinos das histórias são alterados e definidos. O criminoso aqui é o

personagem principal, mesmo quando não está em cena. Como podemos ver no conto *Um Homem de Sorte*, por exemplo. Pois mesmo quando Geraldo não está aparecendo, as ações dele reflete e determina o destino dos outros personagens. Vale ressaltar que como a análise dos contos será feita no próximo capítulo, não iremos descrever todos de forma detalhada neste capítulo.

Quando consideramos o conteúdo privilegiado pelo jornal *A Noite* RJ, não poderia ser diferente, já que o jornal também centrava suas notícias em crimes e criminosos, de modo que os contos também representavam – e possivelmente incitavam – os ditos “vícios” da sociedade: violência, sexo, roubo, consumo de drogas etc. (SASSE, 2020). E o que, de certa forma, nos faz ir de encontro com o conceito usado por Júlio França quando diz que,

A relação complexa, ambígua e tensa entre o homem moderno e sua capacidade de conhecer a realidade e de transformar para melhor sua existência redundou em uma profunda desilusão com os rumos da humanidade – em alguns casos, ceticismo; em outros, um franco pessimismo, acompanhado por um sentimento avassalador de degradação e de ruína civilizacional. O que se chama de literatura gótica é, pois, a consubstanciação dessa visão de mundo sombria em narrativas repletas de convenções estilísticas e temáticas, cujo traço definidor maior é a produção de efeitos estéticos negativos – o horror, o trágico, a repulsa etc. (2020, p.14)

Não há em nenhum conto de Lúcio, escrito para o jornal *A Noite* (RJ) algum que terminasse com o final feliz. Ou que em meio a narrativa houvesse alguma esperança disso acontecer. E nesse sentido podemos pensar no quanto o espaço influenciava a história e seus leitores.

O espaço no qual se passavam as histórias também era um grande influenciador para a proporção que os contos tomavam dentro do jornal. Tanto a casa, o campo ou a cidade conseguiam apresentar e repassar o sentimento de medo, angústia, insegurança, entre outros. E é pensando neles que podemos considerar o *Loccus Horribilis* dentro das narrativas criminais escritas por Lúcio e considerar que esses espaços não ficam restritos somente as histórias ficcionais que são contadas no jornal. Eles são vividos também pelo leitor através das manchetes que eram colocadas no jornal.

Importante destacar que o *loccus horribilis* é uma das principais características do gótico. E é esse lugar que não representa nenhuma segurança

para quem vive, ou se algum dia representou já não representa mais. Assim como a cidade que estava em crescente expansão.

Nos contos estudados teremos a cidade (“Um Homem de Sorte”, “Loteria”, “Vampiro”, “A Noite”, “Estação”, “Carnavalesco”, “Galatéia”), o campo (“Assombração”) e a própria casa (“No Banheiro”, “Cadáver”, “Vampiro”).

Essa proximidade da ficção com o real pode nos remeter as novelas que são transmitidas na TV aberta nos dias de hoje, que tentam vender uma história mais verossímil possível. Tanto que até poucos anos não era nenhuma novidade uma manchete do noticiário que passava durante o dia virar parte da narrativa que era contada no horário nobre (principalmente em novelas da tv Globo). O que não deixava de ser uma estratégia para o público cada vez mais se identificar e acompanhar a história. No caso dos contos não há uma continuidade das narrativas, mas há proximidade quanto a construção.

E sobre essa proximidade não há como analisar os vilões presentes nas histórias de Lúcio, ou pelo conceito gótico, a personalidade monstruosa. Diferente do vilão gótico, aqui, o personagem que se propõe a esse papel não é totalmente ruim (ou bom). Mesmo esse personagem sendo quase sempre o criminoso. O que Lúcio tenta mostrar nos contos é que qualquer pessoa pode agir da maneira que melhor convém para sua vontade. Como podemos ver em Edgar Allan Poe e suas personagens com tanto potencial ao crime quanto as de Lúcio.

E assim temos o conto *O Homem na Multidão* de Edgar Allan Poe, que é uma verdadeira exposição dos mais diferentes tipos de personagens encontrados dentro dos contos de Lúcio Cardoso. E todos os seus detalhes, quase que tornam palpável cada representação dita. Além de trazer a cidade como palco para uma intrigante perseguição. Como exposto abaixo:

Essa era uma das artérias principais da cidade e regurgitara de gente durante o dia todo. (...)

Muitos dos passantes tinham um aspecto prazerosamente comercial e pareciam pensar apenas em abrir caminho através da turba. Traziam as sobranceiras vincadas, e seus olhos moviam-se rapidamente; quando davam algum encontrão em outro passante, não mostravam sinais de impaciência; recompunham-se e continuavam, apressados, seu caminho. Outros, formando numerosa classe, eram irrequietos nos movimentos; tinham o rosto enrubescido e resmungavam e gesticulavam consigo mesmos, como se se sentissem solitários em razão da própria densidade da multidão que os rodeava. (...)

Seus trajes pertenciam àquela espécie adequadamente rotulada de decente. Eram, sem dúvida, nobres, comerciantes, procuradores, negociantes, agiotas – os eupátridas e os lugares-comuns da sociedade, homens ociosos e homens atarefados com assuntos particulares, que dirigiam negócios de sua própria responsabilidade. (POE, 1840)

Nesse ponto, não há como não comparar a história de Poe com o conto *Loteria* (edição 14413, p. 07, 1953) escrito por Lúcio Cardoso para a publicação no periódico. Mas é importante mencionar que enquanto a narrativa de Poe, termina com o enfrentamento frente a frente dos dois homens que compõem a história. Aqui não há morte, somente a exposição da desilusão ou procura insana por algo que o autor não quis explicar explicitamente. Mas que dá para subentender, ou abrir margem para uma interpretação que envolve o sentimento de igualdade entre esses homens. De modo que os dois exalam o mesmo sentimento de solidão. Em graus, talvez, diferentes. Mas ainda assim, solidão. Afinal, um homem se propôs a seguir o outro pela cidade durante um dia e meio, sem que ninguém lhe desse falta ou ele desse falta de alguém. A chateação de não chegar a lugar nenhum que o fez desistir.

Caminhava com passadas longas e rápidas, enquanto eu o seguia, cheio de espanto, mas decidido a não abandonar um escrutínio pelo qual sentia, agora, o mais intenso dos interesses. Enquanto caminhávamos, o sol nasceu, e quando alcançamos novamente a mais populosa feira da cidade, a rua do Hotel D..., esta apresentava uma aparência de alvoroço e atividade muito pouco inferior àqueles que eu presenciara na véspera. E ali, entre a confusão que crescia a cada momento, persisti na perseguição ao estranho. Mas este, como de costume, limitava-se a caminhar de cá para lá; durante o dia todo, não abandonou o turbilhão da avenida. Quando se aproximaram as trevas da segunda noite, aborreci-me mortalmente e, detendo-me bem em frente do velho, olhei-lhe fixamente o rosto. Ele não deu conta de mim, mas continuou a andar, enquanto eu, desistindo da perseguição, fiquei absorvido vendo-o afastar-se. (POE, 1840)

Interessante que ao fazer a análise dos dois contos é possível vivenciar tanto a perseguição quanto a quebra de perspectiva dos personagens ao final. Por mais que as narrativas não estejam preocupadas em descrever o real. Visto que em nenhum momento foi imposto que Lúcio escrevesse uma história baseada em fatos. Mas ficou definido que as histórias conversassem com o público do jornal, até para não destoar da temática do mesmo. O que não exclui um certo prazer mórbido (até por parte do autor), em experimentar a sensação de tensão, ameaça e repulsa causada pelo ato criminoso. Afinal, o leitor, ao aproximar-se não só dos atos investigativos, mas criminais, deseja assimilar as emoções próprias do criminoso ou

da vítima e não de um herói na narrativa (SASSE, p.141, 2019). Ou como ainda expõe Pedro:

Por outro lado, o apelo contextual já parte do ponto de que a obra não é um discurso sobre o real, o que amenizará os efeitos causados, mas tenta buscar que o leitor estabeleça paralelos diretos entre as ameaças encontradas nas obras e as ameaças de seu cotidiano, indicando que o trabalho de ficcionalidade não é na criação das ameaças, mas apenas de uma variedade, de uma ocorrência possível, das ameaças já presentes no mundo real. Por último, o realismo formal, por mais que não tenha nenhum efeito sobre as crenças do leitor de fato, pode ajudar na redução da amenização causada pela ficcionalidade ao emular com eficácia os discursos e situações típicos da realidade. (p.148, 2019)

Voltando essa escrita para o gótico não há como não mencionar as figuras góticas disfarçadas que são retratadas nos contos. E, no caso, da coletânea escolhida aparece na forma de fantasma, feiticeira e vampiro. Mas, sempre com uma explicação racional para o aparecimento na história. O fantasma aparece no conto “Assombração” e na verdade é um plano do cunhado para conquistar a viúva e fazê-la vender a fazenda. Já a feiticeira é a cartomante que dita o futuro do homem no conto “Loteria”, mesmo que no final seja negativamente (o engano do homem aqui, faz lembrar da capa feita pelo Jornal A Noite e exposta no primeiro capítulo. Que expõe como falsos advinhas conseguia roubar o dinheiro de quem acreditava e não entregava o que prometia). E o vampiro é o velho professor do conto “Vampiro” que em seus tempos de crime era temido como o vampiro de Cascadura. Aqui o conto não expõe se o homem se considerava um vampiro tradicional ou se denominava assim por sugar financeiramente suas vítimas.

Assim, como podemos ver, os contos não tinham como objetivo descrever histórias sobrenaturais ou sem nenhuma relação com o real. O gótico não era o gênero escolhido por Lúcio para escrever as histórias, mas como bem explica Júlio França (2021), cada vez mais tem surgido estudos sobre as poéticas negativas, que tratava de aspectos negativos da existência humana (como medo, repulsa, horror, gótico e sublime). E é nesse sentido que podemos classificar os contos de Lúcio para o Jornal A Noite (RJ) como contos que, também, conversam com os conceitos do gótico. Assim, há de se explicar que esse capítulo foi construído para que essa aproximação com os principais conceitos do gótico. E para que o próximo capítulo

3 DO MELANCÓLICO AO SOMBRIO: CONTOS DE LÚCIO CARDOSO

Ao longo da sua trajetória no jornal *A Noite* RJ, Lúcio Cardoso escreveu mais de 200 contos. E apesar das narrativas serem variadas quanto ao conteúdo e apresentação das personagens, o desfecho conduzia quase sempre para um mesmo lugar: um acontecimento traumático ou decisivo dentro da vida de um indivíduo. A partir desta perspectiva surgia (e tomava o seu lugar) o maior protagonista de Lúcio dentro dos contos escritos para o jornal: o Crime.

Atribuir o protagonismo ao crime dentro desses contos é uma forma de pensar como eles definiam o destino dos personagens, isso em todas as histórias, sem exceção. Não há um só conto escrito por Lúcio para o jornal *A Noite* (RJ) que termine com final feliz. Porque quando a consequência dos atos não levava o indivíduo a morte, o levava a desilusões extremas que resultavam em uma perceptível mudança de caráter. Talvez, até possamos interpretar que não seja uma mudança e sim uma imersão em sentimentos que já estavam guardados e tal situação só fez com que ficassem visíveis.

Assim, analisar os contos é ter um leque de possibilidades disponíveis, já que o próprio conto te leva a diferentes interpretações. E por mais que se saiba que o final das narrativas é sempre um crime, é preciso considerar que para chegar até esse estopim, o personagem passa por algumas situações que cabe analisar. No presente trabalho, buscar-se-á fazer um paralelo desses contos a partir dos seguintes eixos: 1. o *locus horribilis* representando o lugar melancólico, sem esperança; 2. a ironia presente nas narrativas; 3. os traços do gótico familiar (como a sexualidade reprimida e o patriarcado decadente); 4. o cenário urbano e a busca do homem em se encaixar. É necessário reafirmar que por mais que o olhar seja voltado para o gótico não se buscará o sobrenatural nas histórias de Lúcio.

E para uma melhor exposição dos temas se torna necessário um breve resumo das histórias que serão trabalhadas.

Aproveitamos para informar que a descrição como data de publicação e edição serão informadas no anexo dessa dissertação.

3.1 Assassinato/tentativa de assassinato

Quando foi convidado para contribuir com contos para o jornal *A Noite* (RJ), uma das missões de Lúcio era atrair leitores através de uma escrita impactante. E pensar nesse leitor significava pensar na grande massa populacional que povoava a grande metrópole, no caso, o Rio de Janeiro da década de 1950. Ao mesmo tempo o autor tinha como objetivo retratar a vida do homem moderno, mas sem os floreios que um texto “literário” poderia ter. O leitor precisava se reconhecer de alguma forma nos contos e assim ter vontade de consumir os jornais diariamente. Para isso era preciso que os contos permitissem uma leitura objetiva e rápida, sem a promessa de continuidade após o fim, mesmo havendo a sensação de desconforto (ou vazio) no final das histórias.

E é voltado para esse vazio e desencanto que nos debruçaremos sobre os contos. Aproximando-os dos conceitos do gótico estudados no presente trabalho. E mesmo que nem todos os contos apresente traços do gótico. Todos são permeados pela desilusão e falta de esperança.

O gótico e sua manifestação surgiram no romance *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, e se transformou em um estilo reconhecido por suas paisagens lúgubres, castelos arruinados e sinistros, aristocratas malévolos e mulheres fatais (BARROS, 2017, p.48), que desliza entre os gêneros literários e transita entre a alta cultura, a cultura de massa e a cultura popular, além de ultrapassar as fronteiras do mundo anglo-saxão onde surgiu. Entretanto, é necessário afirmar que esse estilo não ficou preso as características de sua criação, pelo contrário, ele se tornou capaz de circular em outros gêneros sem perder sua essência. E se por muitas vezes, ao ler um texto do gênero gótico, é necessário considerar acontecimentos sobrenaturais, por outra é preciso somente reconhecer algumas de suas características para ver os traços do gótico em sua escrita. Nem todo texto gótico terá todas as atribuições que conceituam o gênero, principalmente os contemporâneos. E é assim, sob essa perspectiva, que analisaremos os contos de Lúcio. Considerando que não são contos sobrenaturais e que não possuem todas as definições expostas no gótico, mas que ainda assim consegue descrever toda desilusão, repulsa e horror dos personagens.

Aqui, talvez, não apareça mocinhas em perigo ou os fantasmas do passado que aparecem para assolar o presente. Mas aparece a cidade ou a casa como o lugar claustrofóbico. E a personagem monstruosa, que aqui é reconhecida por seus atos cruéis ou loucos. Que podem ser vistos no decorrer dos contos de Lúcio Cardoso no jornal *A Noite*.

E, por mencionar atos cruéis, iniciaremos nossa análise, por aquele que pode ser considerado o pior de todos, que é o assassinato e a tentativa de assassinato. E para isso, separamos entre as histórias escolhidas os contos “Um homem de sorte”, “Loteria”, “Vampiro”, “Cadáver” e “Assombração”. Que possuem esse desfecho.

O conto “Um homem de sorte” retrata o encontro entre um *bon vivant* e uma ingênua moça de criação recatada que resulta em uma abusiva relação amorosa. Com promessas de casamento, sedução e um pai furioso disposto a matar o não merecido genro a fim de tentar salvar o pouco de dignidade que restou em sua filha. Aqui, a tentativa de homicídio é cometida pelo pai da moça, mas o êxito é vivido por Geraldo, que escapa dos tiros, consegue prender o sogro e continua explorando Léa.

Em “Vampiro”, embora o título seja sugestivo do sobrenatural, temos a história de um homem (professor) que guarda orgulhoso o segredo de ter sido considerado um dos mais perigosos criminosos de seu estado, conhecido por vários nomes aterrorizantes, entre eles “Vampiro de Cascadura”, que dá nome à essa dissertação. Fora preso, condenado, cumpriu sua pena e conseguiu mudar a sua identidade para viver uma nova vida longe do seu passado, apesar de glorioso. Entretanto, tudo muda quando uma aluna, ao ir à sua casa, descobre o seu temível segredo. A partir de então, a imagem de homem pacato muda completamente, dando lugar a uma aura sombria e fechada. Já não era mais respeitado e sua tão honrosa história deu lugar a chacotas e ao desprezo. Visto isso, o professor decide então que era o momento de cometer um terrível crime para voltar a ser temido e respeitado como fora. Assim, prepara uma emboscada para a aluna que descobriu e espalhou seu segredo. Mas o plano não sai como esperado, quando a aluna, golpeando sua cabeça, consegue escapar do ataque de suas mãos trêmulas. Humilhado e completamente desacreditado, resta ao homem fugir da escola e da cidade.

Já em “Cadáver”, temos uma história de avareza retratada na figura de uma mulher que se mostra desolada com a morte do marido, mas que de forma repentina

e arrependida confessa que foi ela quem o envenenou dia após dia, após ele lhe confessar que tinha ganhado na loteria. A confissão do marido à mulher lhe custou a vida, pois ela resolveu naquele momento que era tão merecedora daquele dinheiro quanto ele. Ela matou por dinheiro, para ficar com todo dinheiro só para si. Mas acabou o conto como louca, confessando o crime no meio do velório de seu finado marido.

Diferente de “Assombração” no qual temos uma história que envolve assassinato, a partir do sentimento de culpa. Aqui temos Clara, recém viúva que se vê entre uma difícil escolha: vender as terras que um dia foi cuidada por seu marido com todo apreço e ir embora com seu cunhado ou viver em eterno luto presa a terras que mal sabia cuidar por causa de uma promessa feita ao marido em seu leito de morte. Como escolhe a segunda opção, o cunhado resolve assombrar a fazenda para afastar Clara de lá. O plano dá tão certo que Clara vende a fazenda e se casa com ele, mas, após alguns anos, depois de sonhar com seu falecido marido, ela se convence, novamente, que havia feito a escolha errada. Quando Peixoto, o cunhado, lhe conta que foi ele quem assombrou a casa, a jovem mulher não hesita em o matar com cinco tiros e se entrega à polícia.

Já o conto “Loteria”, traz sentimentos como ganância, avareza, inveja e soberba. O conto narra a história de um homem que, após consultar uma cartomante, recebe a promessa de riqueza caso compre o bilhete correto de loteria. O homem tenta, mas o bilhete é vendido antes para um outro homem, que aparentemente possui mais recursos financeiros do que ele. E mesmo tentando, não consegue fazer com que o outro venda o bilhete de volta. A loucura pela busca do dinheiro fácil faz com que se desenrole uma perseguição guiada pelas ruas do centro do Rio de Janeiro que culmina na luta corporal dos homens e do assassinato daquele que comprou o bilhete. A falsa sensação de vitória termina quando, ao consultar os números premiados, descobre que acabara de cometer um assassinato por nada, já que a cartomante o enganara e os números sorteados não eram os mesmos do bilhete.

Um fato interessante que podemos destacar nos contos é que eles se assemelham não só pelo seu final como também na construção de seus personagens. Os contos escolhidos (dentro do eixo do assassinato) são um bom exemplo, pois todos são construídos em uma atmosfera de suspense repleto de hostilidade e quebra de expectativa. Certo que cada conto possui uma história

diferente, com personagens diferentes, mas que se assemelham em algumas características. A loucura que domina a viúva no final de “Cadáver”, pode ser comparada a culpa que leva a loucura Clara no conto “Assombração”, fazendo com que mate o homem que a enganou.

A loucura, na verdade, é uma característica comum dentro dos contos seja sendo a principal característica do personagem ou aparecendo em alguns traços de sua personalidade em dado momento do conto. Como acontece com o homem no conto “Loteria”, que é guiado por uma fé cega que o leva a cometer um assassinato por algo sem nenhuma comprovação real. E se nos dois contos anteriores (“Cadáver” e “Assombração”) ela se dá como resultado de um fato já ocorrido, aqui ela vai tomando conta do personagem ao ponto de conduzi-lo ao crime final.

Um outro ponto que aproxima os personagens dos quatro contos em destaque é a obstinação em conseguir o objetivo definido. Em “Um homem de Sorte” vemos muito desse sentimento em Léa, que mesmo passando maus bocados nas mãos de Geraldo, persiste em continuar devotando sua vida ao homem. Assim como no conto “Vampiro”, no qual o agora professor se vê em uma situação que abala tanto o seu ego que ele decide voltar a ser quem era, o homem temido nos jornais como o vampiro de Cascadura. Esse pensamento domina as situações que se seguem e o homem entende que só pode voltar a ser temido quando cometer um novo assassinato. Essa obstinação ocorre também com o homem em “Loteria” que trava uma batalha com o outro por causa de um bilhete de loteria supostamente premiado. Vale ressaltar que a descrição da perseguição entre as ruas da cidade em “Loteria” e a preocupação do professor em voltar a ser temido em “Vampiro” é perfeitamente narrada por Lúcio, fazendo com que o leitor se sinta tão oprimido quanto os personagens em questão.

No entanto, essa descrição não fica restrita só ao fato da determinação do personagem, ela nos remete ao lugar desencantado (e que possui o seu protagonismo) que é a cidade. Sendo que esse desencanto não se delimita só a cidade, esse lugar sombrio é visto também na sala do velório, na casa do professor, na chácara campo. É a descrição do *locus horribilis*. Ou seja, desse lugar lúgubre, inquietante, que consegue envolver e destruir ao mesmo tempo.

Importante frisar que os pontos analisados também são encontrados nos demais contos dessa seleção, mas entendemos que por mais que as características

apareçam na maioria dos contos, há algumas que se mostram mais fortes do que outra.

E ao retomar esses conceitos voltado para o gótico é possível perceber que, assim como afirma Júlio França (2020, p. 21), pensando nesse pessimismo moderno e uma gotização do real, o mal está em todos os lugares, as ameaças são onipresentes e não se concentram claramente em um único monstro ou vilão – ou em um único *locus horribilis*. Como veremos no eixo a seguir.

3.2 Monstros reais, o infanticídio dentro dos contos

Nesse segundo momento abordaremos um outro tipo de crime muito recorrente nos contos de Lúcio, o infanticídio. E nos contos escolhidos esse crime pode ser visto nos contos “A Noite” e “No Banheiro”. Como podemos ver abaixo.

“A Noite” retrata a surpresa e, ao mesmo tempo, o desespero de um homem que se vê no meio da noite presenteado com um bebê que tinha chance de ser seu filho, oriundo de uma relação extraconjugal. Não há a presença de outros personagens nesse conto, a não ser a menção da mãe da criança que comete o suicídio após abandonar o filho, e a menção à esposa que o homem faz quando pensa em como lhe explicaria o surgimento de uma criança. A questão do conto é como o desespero por uma resolução toma conta das ações do homem, a ponto de matar a criança para ter novamente a sua liberdade e manter em segredo o adultério.

No conto “No banheiro”, um sentimento que aflora é o da vergonha da desonra e da perda certa por uma vida melhor. Não há nessa história nenhuma narrativa que alguém já não tenha ouvido alguma vez na vida. Já que temos aqui uma mãe cheia de planos para a sua única filha, como, por exemplo, um casamento promissor e uma vida digna com tudo o que ela merecia. O plano se frustra quando a filha aparece grávida e sozinha. Com esse golpe, a mulher resolve que o exílio dentro da própria casa era a saída. Trancam-se em casa, não saíam para mais nada, fazem da casa sua prisão e do nascimento do neto uma verdadeira representação de todo o seu desgosto. E assim, sem amor e como um último ato de

desespero, resolveu afogar a criança no intuito de recuperar a boa reputação e poder dar um casamento promissor para a filha.

Não é de hoje que o assassinato de crianças é abordado dentro da literatura, e na arte (de forma geral). Afinal, desde a antiguidade esse tipo de crime era usado como forma de vingança ou resolução de um problema. Um bom exemplo é o mito grego *Medéia*, que ao se ver traída por Jasão decide se vingar matando não só sua futura esposa, como os próprios filhos que tinha com ele. A intenção de *Medeia* era causar dor e sofrimento a Jasão e mesmo sabendo do martírio que se submeteria, ela não hesitou em cumprir o seu objetivo. Deste modo, a peça termina sem os personagens no palco e com os gritos das crianças, após Medéia pegar uma faca e ir ao seu encontro.

E, por mais, que o exemplo de Medéia seja um dos casos de infanticídio mais antigos lembrado e citado até hoje. Atualmente, cada vez mais, surgem casos em que crianças são vítimas de violência e, conseqüentemente, de morte. E assim como Lúcio escrevia, esses casos não se detêm somente ao “estereótipo” da mulher traída em busca de vingança. Bem se lembra de casos que tomaram conta da mídia, como o da *Isabela Nardoni*, *Gabriel Fernandez*, *Evandro* e o *Trio de West Memphis*. Nos quais o pai, a madrasta, a mãe, o padrasto ou um estranho tenha cometido o crime.

Interessante que assim como nesses casos, nos contos de Lúcio a pessoa que comete tal transgressão faz parte do ciclo familiar da própria criança. Talvez, no caso de “A Noite” o homem não se reconhecesse ainda como pai, mas por outro lado, ele nem se permitiu tentar por medo de perder a vida, dita confortável, que havia conquistado. Esconder o menino e jogá-lo ao mar foi mais fácil do que confrontar a esposa com um filho bastardo.

E se o termo bastardo pesa sobre o destino da criança em “A Noite”, ele se torna, também, uma questão fundamental para o futuro da criança no conto “No Banheiro” que é concebida de maneira secreta fora do casamento. O conto apresenta, além da criança, a sua mãe e a avó que apresentam personalidades distintas e ao mesmo tempo cruciais para a vida ou morte do garoto. A avó, como chefe da família, controlava com mão forte a vida e futuro da filha que, por sua vez, não decidia nada e nem ao menos ia contra os desejos e vontades da mãe. E como a filha não tinha voz para defender suas escolhas, ela também não teve para proteger o próprio filho. Pois, o plano da mãe para a filha era o casamento e

o reconhecimento de uma vida perfeita perante o bairro em que moravam, e para isso, não era possível a permanência de uma criança. E, por isso, ela o afoga como se com ele fossem embora todos os problemas. Os trechos a seguir descrevem bem o destino desafortunado dos meninos:

relanceando uma última vez em torno depositou o embrulho, quase com ternura, sobre as vagas oscilantes e imundas. Um instante ainda a coisa boiou, enquanto dois olhos pequenos, inconscientes, fitavam-no da distância que começava a se formar. Depois o embrulho empapou-se d'água, afundou de repente e Alcino, com um suspiro, contemplou a noite densa e absoluta, e que trazia enfim, a sua liberdade. (CARDOSO, *A Noite*, p. 09, 1952)

O mal era a criança: que diria aos outros, com aquela terrível prova de inconsequência da filha exposta aos olhos de todos? Certa tarde, banhando o menino, uma ideia satânica, terrível, surgiu-lhe na consciência: matá-lo, aniquilar a única prova existente de seu fracasso. E o meio, naturalmente, surgiu enquanto banhava o pequeno corpo nu: deixá-lo escorregar, dizer depois que fora um acidente. Devagar, compreendendo que devia agir naquele instante ou nunca mais, agiria, foi abandonando o pequenino, até que a água o cobriu. Ainda viu as perninhas se debaterem, o choro convulso despertando sob o líquido uma infinidade de bolhas. Depois, tudo silêncio, aquela coisa ficou inerte no fundo, rosada, nua, como uma mancha clara sobre o branco da banheira. (CARDOSO, *No Banheiro*, p. 10, 1953)

Vale sinalizar que a forma como Lúcio aborda o tema dentro do conto abre margem para analisar como o homem consegue arrumar argumentos para acreditar na própria verdade sem considerar que há limites para conseguir alcançar o que mais almeja. Mesmo que isso o torne um monstro perante a sociedade.

A representação do monstro também é interessante de analisarmos, pois, pensando no gótico, essa seria uma personagem própria desse estilo e caracteristicamente presente na história. E nos contos de Lúcio não é diferente, mas essa representação não se dá por uma personagem sobrenatural e sim devido a personalidade cruel do homem. Com isso temos o que Pedro Sasse chamou de alteridade monstruosa.

A representação dessa alteridade ameaçadora culminará na construção de monstros nas narrativas criminais. Termo aplicado com mais frequência, no senso comum, às figuras ameaçadoras do horror sobrenatural, não deixamos, no entanto, de vê-la não raramente etiquetando figuras humanas que excedem os limites do que é moralmente aceito dentro de uma comunidade. (...)

Segundo Cohen, seria possível ler muito sobre uma cultura através dos monstros que engendra: desde sexualidade e passado aristocrático em *Drácula*, de Bram Stoker, à exploração espacial, guerra e imigração nas criaturas lovecraftianas. No entanto, Cohen abre espaço para que também se pense a construção monstruosa que se pode fazer não de criaturas fantásticas do horror sobrenatural, mas de grupos sociais vistos como diferentes e ameaçadores – ou ameaçadoramente diferentes. (SASSE, 2019, p. 189)

O lugar ameaçador também é uma característica importante dentro desses contos, visto que, não há lugar seguro nem dentro da própria casa. Interessante relembrar que esse lugar sombrio será recorrente na escrita de Lúcio. Seja como parte principal ou auxiliar para determinar ou descrever um crime.

Entretanto se nas duas primeiras partes da análise dos contos tínhamos como desfecho o crime, no próximo eixo de análise há os contos em que a simples desilusão de existir conduza a história para um final trágico, como se pode observar.

3.3 Risos e lágrimas da cidade

“Risos e Lágrimas da cidade” era o nome da seção do jornal que saia os contos publicados de Lúcio Cardoso. Nessa seção, além dos contos, eram publicadas também notícias reais de crimes ou mortes, como pode ser visto na página do jornal abaixo:

Figura 8 - Rio de Janeiro, 29/01/1953. Edição: 14314



E dependendo da diagramação do conto, podia-se confundir as histórias ficcionais com as fotos das matérias reais publicadas.

A contradição no nome da seção também é algo que chama bastante atenção, porque dificilmente, havia risos nessa página. Já que o tema que mais domina era os crimes ou as tentativas dele. E quando não havia o crime, havia a desilusão que a cidade trazia. Mais do que outra parte do jornal, essa evidenciava em seu título que a cidade era um labirinto cheio de armadilhas e perigo.

Assim, os contos que compõe a última parte da nossa análise conversam diretamente com a desilusão que a cidade impõe, sem trazer o crime como desfecho da história. Como se pode ver nos contos que se seguem.

Em “Carnavalesco”, temos a história de um homem comprometido com a família e com o trabalho, ansioso pelo final do dia para poder voltar para casa com o valor do pagamento como havia prometido à mulher. A mesmo tempo, o homem se vê dividido entre lembranças de outros carnavais e a responsabilidade de homem de família (como, por exemplo, pagar o aluguel). Esta divisão fica ainda mais visível quando o amigo do trabalho consegue desvirtuar o homem do seu objetivo e convencê-lo a sair para comemorar. A partir daí a sucessão de eventos leva ao grande e mais temido desfecho. Carminho é furtado depois de desmaiar de tanto

beber. Todo o salário é levado, e junto com ele a dignidade de homem de família, que se viu na sarjeta após ser impedido pela mulher de entrar em casa por não ter mais o dinheiro.

O conto “Galatéia” é um bom exemplo de quebra de expectativa. Galatéia é uma mulher vivida, sem muita esperança que em uma certa noite conhece Ricardo, um pintor cheio de ideias e planos que logo se apaixona por ela e a chama para morar com ele. Ricardo já envolvido em seu amor platônico não podia mais viver sem sua musa inspiradora e fazia de tudo para mantê-la junto a si, até mentir sobre ser um pintor renomado a um triz de ficar rico vendendo a sua obra. A mulher não sentia o mesmo, mas ter uma vida segura em comparação a que levava a fazia ficar ao lado de Ricardo. Mas tudo muda quando ela descobre que o homem mentiu sobre tudo o que falava. Era como se a mulher tivesse sofrido mais um golpe e esse ela não podia perdoar. Em uma ação de raiva, antes de ir embora, Galatéia ateou fogo as obras e ao apartamento de Ricardo, que vê tudo de longe e admira as chamas.

Já o conto “Estação” traz uma história que aparentemente teria um final feliz. Uma história de amor, sem mentiras, sem opressão, só com a esperança de terem encontrado um a outro. O conto tem como pano de fundo a cidade, a estação de trem e a lanchonete em que Lourdinha trabalha. A paixão entre Eduardo e Lourdinha acontece no meio da cidade, entre a correia dos horários da chegada e partida dos trens. Talvez, o trem aqui seja também uma metáfora para a vida na cidade moderna, a falta de tempo, a pressa, o encontro e o desencontro, os vários rostos em meio a multidão, e quando dois se reconhecem, a vida trata de separá-los. Aqui não há um crime premeditado, e sim uma infeliz situação que resulta na morte de Eduardo, já que quando corre para subir no trem (como fazia todos os dias), Eduardo cai entre os trilhos e morre atropelado.

E se em um dado momento citamos Medéia como exemplo em comparação aos contos. Nessa última seleção, podemos dizer que estamos quase que em uma tragédia grega, sem os personagens nobres ou heroicos. No sentido que mesmo quando a história apresenta uma narrativa que aparentemente conduz para um final feliz, a vida (por si só) trata de mudar o destino dos personagens. Claro que as escolhas feitas dentro das histórias influenciam para o desfecho final, mas algo como ser atropelado por um trem em um dia normal é um amargo imprevisto. Assim como avistar a sua própria casa pegando fogo sem saber que é sua ou ser furtado na

companhia de pessoas que te chamavam de amigo. Nesses contos não há nenhum crime no qual as pessoas possam se chocar, mas há um fato no qual nem o personagem nem o leitor pode mudar que é o curso da vida.

E, isso acontece não só nos contos “Carnavalesco”, “Estação” e “Galatéia” como em todos os outros. E, talvez, mais do que os outros sentimentos, esse seja o que mais aproxima o leitor ou o faz pensar. Então, podemos concluir que os contos de Lúcio são, de certa forma, narrativas do cotidiano de quem lia o jornal. Fazendo aflorar sentimentos e sensações. Lúcio, de forma magestral conseguiu descrever mais do que a cidade. Ele conseguiu descrever o homem com seus infortúnios e monstros escondidos que luta diariamente para mudar sua natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se pesquisou para a realização deste trabalho. A leitura e separação dos contos nos jornais, a escolha do corpus, foi um processo gratificante e ao mesmo tempo realizador.

Interessante mencionar que no final a pesquisa passou a ser mais do que a análise dos contos de Lúcio Cardoso escritos para o jornal *A Noite* RJ, trazendo também a história do jornal e as muitas fases que este passou. E como as mudanças vividas pelo periódico o transformaram e o fizeram ser o jornal no qual Lúcio escreveu.

O jornal não era só o lugar que os contos eram escritos, ele era parte importante para a realização das narrativas. Já que as notícias publicadas no periódico se entrelaçavam a ficção e *O Crime do Dia* deixava de ser mais do que uma chamada para uma narrativa inventada para se tornar parte do imaginário do consumidor do jornal. Já que os temas escolhidos, pode-se considerar, eram velhos conhecidos do seu público.

As histórias eram comuns, com pessoas comuns e se passava em lugares comuns. O que leva a analisar que a escolha do *loccus horribilis* não se restringia somente a cidade pois estas pessoas (leitoras do jornal) podiam transitar por outros lugares. O que pode variar entre ser a cidade, o campo, a sala ou o banheiro de casa, como se pode ver nos contos escolhidos.

Vale ressaltar que diferente do conceito da tradição gótica não se buscou aqui algo sobrenatural, mas traços góticos dentro das histórias que tinha como objetivo retratar algum crime. Crimes, que como vistos, eram também protagonistas das histórias contadas. Ninguém era melhor ou pior que ninguém, já que cada indivíduo tinha a sua parcela de culpa nas narrativas.

O que nos leva a analisar que um dos objetivos do autor era retratar o lado humano que quase normalmente não era mostrado. O homem como monstro do próprio homem.

Assim, diante do exposto, há de se concluir que o objetivo do presente trabalho foi a todo tempo demonstrar como os contos de Lúcio Cardoso conversava com a realidade expressa no jornal. E, conseqüentemente, com a realidade de quem o lia. Fazendo um paralelo com alguns conceitos da literatura gótica. Não houve a

intenção de restringir a análise ao conceito do gótico, e sim, demonstrar como essa literatura consegue transitar e se fazer presente mesmo em histórias que não são escritas pensadas para serem histórias góticas.

Por outro lado, não há como não mencionar a importância dada ao periódico, já que, o Jornal *A Noite* RJ mudou a forma de levar as notícias para o leitor da cidade do Rio de Janeiro.

E pode se dizer que a intenção desta análise foi de contribuir para fazer cada vez mais conhecidos os contos deste autor e as suas possíveis reflexões. Entretanto, como dito anteriormente, não houve uma escassez do tema e sim o começo de uma pesquisa, que nos levou a argumentos como a narrativa criminal, ao *fait divers*, a “ecos” do gótico e a uma comparação ao conto *Um Homem na Multidão* de Edgar Allan Poe.

Conclui-se então que Lúcio Cardoso é um autor de várias faces, que se reinventava a todo momento. Seja na escrita ou em outras formas de arte, como o teatro e a pintura. Lúcio se superava a cada narrativa e demonstrava a sua superioridade e inteligência tantos nos livros que escrevia quanto nos contos publicados. Como vimos no presente trabalho. Lúcio contribuiu e enriqueceu o periódico com sua escrita. E, com certeza, deixou um valioso corpus a ser estudado que se faz atual mesmo mais de 50 anos da sua escrita.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias - a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução: Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade o pintor da vida moderna*; [organizador Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CARDOSO, L. *JORNAL A NOITE: Coluna O crime do dia*. Rio De Janeiro. 1952 – 1953.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro, Editora Bruguera LTDA, 1970.
- CARVALHO NETO. *Norte*; ENTREV. CARVALHO NETO; ENTREV. MAGALHÃES, M.; *Noite*; SKIDMORE, T. *Brasil*.
- DASMACENO, Beatriz. *Lúcio Cardoso: em corpo e escrita*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2012.
- DION, Sylvie. *O “fait divers” como gênero narrativo*. Artigo publicado na Revista Letras n° 34 - Literatura, Outras Artes & Cultura das Mídias Rio Grande do Sul, UFRS, 2007.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- FRANÇA, J.; SASSE, Pedro. *O fascínio do crime: João do Rio e as raízes da Literatura Policial no Brasil*. (pags. 71 - 91) In: *Configurações da Narrativa Policial*.: VIEGAS, Ana Cristina Coutinho; PONTES JR, Geraldo; MARQUES, Jorge Luiz, orgs. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016.
- FRANÇA, J. ARAÚJO, A. P. *As artes do mal: textos seminais*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017, p. 104 – 115.
- FRANÇA, J. COLUCCI, L. *As nuances do gótico: do setecentos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.
- FERREIRA, Nadiá Paulo. *O insólito é o estranho*. GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre. (Org.). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p.107-123.
- GARCÍA, F.; FRANÇA, J.; PINTO, M. O. *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro. Editora Caetés. 2013.
- LAMEGO, Valéria. *Contos da ilha e do continente*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

MATOS, O. C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

POE, E.A. *O Homem na multidão*. EUA. 1840

PHILLIPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e maturidade estética e poética*. São Paulo, USP, 2004.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

SABER, Rogério Lobo. *O gótico familiar de William Faulkner e Lúcio Cardoso (Manuscrito): formas e dinâmicas da opressão*. Minas Gerais, UFMG, 2020.

SANTOS, Cassia dos. *Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso*. São Paulo, Mercado de Letras, 2001.

SASSE, Pedro. *A ficção de medo urbano*. In: FRANÇA, Júlio (org.). *Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017, p. 178-200.

SASSE, Pedro. *As narrativas criminais na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, UFF, 2019.

APÊNDICE - Coletânea dos contos Escolhidos

Um homem de sorte

Alto, bonitão e bem-falante, um desses tipos tão comuns às cidades grandes, que vivem não se sabe onde, nem como e nem porque especial graça de Deus. Chama-se Geraldo Morais, tem 31 anos de idade e diz-se morador à rua do Mangue. Ao certo, ninguém sabe nada a seu respeito.

Um dia desses, flanando pelas ruas com seu costumeiro ar de satisfação consigo próprio, deparou ele com uma mocinha, morena e esbelta, parada diante de uma vitrina da Casa Sloper. Foi logo abordando:

- Alô, como vai?

E ela, ingênua, sem saber a quem se dirigia:

- Bem, obrigada. E o senhor?

- Assim, assim.

Caminharam juntos algumas quadras. Ele contou que trabalhava numa loja – estava até para ser sócio – e ela acreditou, certa de que, afinal o destino havia cumprido sua promessa, enviando-lhe o príncipe dos seus sonhos. Dali, o príncipe acompanhou-a até em casa na via pública, sem proteção de espécie alguma. E ela:

- Mas eu sempre venho à cidade!

- Mas deve tomar muito cuidado – avisou Geraldo. A cidade anda cheia de malandros...

Ela prometeu tomar cuidado e despediram-se à porta, com um longo e terno aperto de mão, que selou não o começo de uma simples amizade, mas o início de um longo e doloroso romance.

Poucas pessoas falavam tanto em casamento, não para apressá-lo ou afirmá-lo iminente, mas para denunciar tropeções, suspirar e dizer-se desesperado com a distância em que se achava dos seus mais caros projetos. Em vão Léa afirmava:

- Mas que bobagem, Geraldo, não tenho pressa nenhuma!

Ele continuava a se lamuriar, alegando que era muito infeliz e que, se não fossem os negócios – o maldito sócio, sempre protelando a entrada dele para a firma... – de há muito já estariam unidos pelos santos laços do matrimônio. Léa via em tudo aquilo um sinal de amor – e em casa, quando se despia, antes de fechar a luz, dizia ainda consigo mesma: como ele gosta de mim, como me quer!

Antônio de Andrade, o pai da moça, que é português, segurou-a um dia na escada, quando ela subia para o quarto:

- Que história é esta, minha filha?
- Oh meu pai, o senhor nem imagina como sou feliz!

E narrou-lhe tudo o que acontecia, descrevendo Geraldo com grande exuberância, um tipo alto, bem-educado, de grandes bigodes aristocráticos. O português enxugou uma lágrima furtiva:

- Se é para sua felicidade...

Léa subiu as escadas correndo, cantarolando, cheia de um júbilo que não dissimulava mais a ninguém. No dia seguinte, encontrou-se com o namorado:

- Sabe, querido, eu ontem falei com papai...

Geraldo teve um sobressalto:

- E que foi que ele disse?

Ela riu, negaceou um instante, a fim de observar o efeito produzido. Ele permanecia pálido, carrancudo. E ela, subitamente desvendando todo o jogo:

- Tolo, disse que estava muito bem, que se era para a minha felicidade...

Geraldo tomou-a nos braços:

- Que bom! Pena é que a gente ainda tenha de esperar tanto...

E desde aquele dia, a conversa passou a ser outra.

- Você precisa ir lá em casa, meu bem
- Para que?

E ele, melífluo, como se estivesse dizendo a coisa mais natural do mundo:

- Para ver onde é que eu moro, se tenho ou não razão para suspirar pelo casamento. Tudo cheio de poeira, estragado, uma miséria!

E como diariamente passasse a falar no assunto. Léa, que se considerava noiva, não hesitou uma tarde em aparecer no “apartamento” de Geraldo. Este ficou de encontrá-la na esquina, e assim o fez, todo lampeiro e perfumado. Assim que ela desceu do bonde, foi logo dizendo:

- Você nem imagina, meu bem, o que é que está sucedendo...
- Não. O que é?

Ele riu, como se estivesse prestes a dizer a melhor piada do mundo:

- Apareceu uma arrumadeira, mandei limpar tudo para você apreciar melhor...
- Ah! – disse ela, sem compreender aonde ele queria chegar.

Geraldo fez-se subitamente grave:

- Mesmo assim, recortei um anúncio que fala de um apartamento mobilado... está aqui... não sei onde o coloquei...

- Você quer se mudar?

- Por que não? Este é muito melhor e mais barato...

Ela concordou:

- Ah, sendo assim...

E ele, travando-lhe o braço:

- Você não quer ir ver comigo?

Léa concordou – e tomando um bondinho que passava, encaminharam-se, não para o apartamento do anúncio, que este não existia, mas sim em direção a um sórdido hotel nas imediações da Central do Brasil.

*

Ela voltava para casa e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. “Meu Deus, que é que vou dizer a meu pai?” Ele nunca havia lhe recusado coisa alguma, sempre tivera nela a maior confiança, e agora... Léa erguia a cabeça, enxugava as lágrimas: não, Geraldo prometera que se casariam logo, que aquilo era apenas um transe passageiro... Depois, não havia dito que muitas moças faziam assim? Tão simples, algumas horas numa cama de hotel, e pronto, perante Deus estavam casados para sempre. Em vão ela repetia essas palavras, esses argumentos – sabia que havia feito alguma coisa de mal e que não teria coragem para enfrentar o olhar do pai.

Entrou em casa furtivamente e, quando ele bateu à porta, queixou-se de dor de cabeça. No dia seguinte, bem cedo, foi esperar o namorado. Ele não veio. À noite, inquieta, os olhos nublados, girou incansavelmente no passeio onde costumavam se encontrar – ele continuou a não aparecer. Oh, era melhor que ela o esquecesse para sempre, que arrancasse do coração a imagem daquele desalmado. Seria preferível, a ter de enfrentar vergonhas piores. Mas inutilmente fazia a si própria tais advertências, pois a imagem do cruel não lhe saía da lembrança. Ainda esperou aquela noite, e na manhã seguinte. E ao entardecer, convicta de que ele não apareceria mesmo, mudou de roupa, retocou a pintura do rosto desfeito e, avisando ao pai que ia ao cinema e que regressaria tarde, partiu em busca de Geraldo. Sabia onde ele morava e encaminhou-se resoluta para o seu destino. Nem sequer pestanejou, quando verificou que ele não morava num apartamento, e sim, num miserável quarto de casa de cômodos. Apenas abriu a

porta e, encontrando-o estendido, as mãos sob a nuca, o olhar no teto, fumando, entrou e disse:

- Vim à sua procura. Você não se livra de mim assim tão facilmente.

Era exatamente o que Geraldo queria.

*

Convertida em amante, passou a conhecer quem realmente era aquele homem. Um bruto, um monstro. Espancava-a por qualquer coisa, pretextando que ela não sabia trabalhar, que não prestava para coisa alguma, que tinha vindo apenas para empatar sua vida. Magra, inteiramente diferente, ela fitava-o com os olhos cheios de lágrimas, sem nada responder. Pena que o amasse tanto, que ele a tivesse ensinado a necessitar dele daquele modo. E às vezes, quando num ou noutro domingo surgia em casa do pai, este perguntava, receoso:

- Então, como é?

E ela, mentindo como já mentira, que o casamento fora feito em segredo, por desejo expresso da mãe de Geraldo:

- Vai tudo bem, meu pai.

- Mas você está assim abatida, magrinha?

E ela, num sorriso que momentaneamente a transfigurava:

- Não é nada. Uma indisposição passageira...

E assim ia vivendo, carregando a cruz que Deus lhe dera.

*

O português nunca conseguira compreender aquele casamento, mas era uma natureza terna e ingênua. Se ela assim queria, que poderia ele desejar diferente? Amava-a, respeitava-a. Mas incomodava-se, achava algo estranho naquela história, passava noites em claro, procurando resolver o enigma. No princípio da semana, indo à Central verificar o horário de um trem, deparou com um quadro estarrecido: num desvão, conversando com um soldado na pose mais dúbia possível, Léa, pálida, magra, com olhos insones. Olhou de novo – e ainda não compreendia. Olhou mais uma vez e, num grito, precipitou-se sobre ela:

- Léa, que é isto?

Ela apenas afastou o soldado e gemeu:

- Oh, meu pai...

Ele segurou-a pelo braço, foram andando, ela de cabeça baixa, as lágrimas escorrendo, desmanchando a pintura barata. E sem forças para suportar mais,

contou tudo, a história do hotel, a mudança, os mal tratos que o amante lhe infligia. O pai, petrificado, escutava-a quase sem acreditar. Léa arrematou a sua história:

- Agora, não quer mais que eu fique em casa. Devo girar o dia todo, oferecendo-me, a fim de obter algum dinheiro...

- E há muito tempo que você faz isto?

Ela ocultou o rosto, dizendo baixo:

- Há três semanas.

O português levantou-se, sem dizer palavra. Sabia o que tinha a fazer. Abandonou a filha e, esmagado, dirigiu-se para casa.

*

Foi à gaveta da escrivaninha e retirou dela uma garrucha velha que guardava para um caso eventual de ladrões. Colocou-a no bolso e saiu de novo. Vagou infundavelmente, à procura do sedutor. Palmo a palmo investigou o enorme saguão da Central; olhou em todos os cafés e bilhares do Centro; informou-se com amigos e conhecidos, até que alguém lhe disse que Geraldo se achava em Braz de Pina. Tomou um trem e foi até lá. Na estação, a primeira pessoa com quem deparou, foi aquele que procurava. Não hesitou. Com mão tremula, ergueu a garrucha e desfechou três tiros contra o homem – nenhum deles atingiu o alvo.

Numa carreira louca, Geraldo deixou a plataforma e entrou na sala do 20.º Distrito:

- Senhor comissário, acabo de ser vítima de uma agressão inominável!

E descreveu com numerosos detalhes e a mais santa das indignações, o ataque de que fora vítima, bem como a figura de seu agressor. Dois policiais encaminharam-se imediatamente à estação, onde encontraram o português tombado num dos bancos, a arma ainda nas mãos, aniquilado. Deram-lhe voz de prisão, lavraram o flagrante, apreendendo a arma. E, Geraldo, atônito com a própria sorte, regressou imune para casa.

*

Na escada escura do pardiheiro em que mora, um vulto veio ao seu encontro. Era Léa, que se atirou a ele, tentando retê-lo:

- Geraldo, juro como não sou culpada!

Ele empurrou-a brutaemente com o pé, exclamando:

- Não, na minha casa você não entra nunca mais...

A noite

1- Alcino acordou com a impressão de que havia alguém dentro do quarto, mas no primeiro momento não percebeu quem fosse e, estremunhado, tentou em vão divisar o que se passava: um raio de sol batia-lhe em cheio no rosto. Devia ter sido engano, pensou consigo mesmo, e puxando a coberta sobre a cabeça, ia entregar-se de novo ao sono, quando percebeu que realmente alguma coisa se movia junto dele. Tomando subitamente consciência do perigo, sentou-se de um salto e, tateando as colchas amarfanhadas, ouviu um choro agudo, dilacerante, como um protesto que se elevasse aos ares. Já a esta altura não lhe era possível mais duvidar, uma criança se achava na sua cama e, evidentemente, alguém se introduzira ali a fim de colocá-la. Circunvagou os olhos em torno, procurando divisar o intruso ou ao menos rastros de sua passagem. Mas tudo continuava perfeitamente quieto naquela clara manhã de fim de ano, e uma poeira tênue, dourada, revolteava na réstea de sol, indecisa, como uma tênue neblina. Voltou então a apalpar a cama e, santo Deus, achou-se de repente diante de uma face minúscula, rosada, com dois olhos apertados e vivos que o fitavam cheios de lágrimas. Era uma criança que ainda não completara dez meses, e aquilo pareceu-lhe tão extraordinário, tão absurdo, que levantou-se de um salto, enfiou os pés nos chinelos e, rodeando a cama, foi olhar do outro lado, como se um milagre pudesse se produzir e a criança mudar-se de repente num animal repelente e estranho. Mas não, lá continuava ela criança, agitando as mãozinhas – e Alcino, com um calafrio, perguntou a si mesmo de onde tinha vindo aquele visitante exótico, quem o trouxera, e por que cargas d'água se achava de posse de uma pequena criatura que nem sequer conhecia...

*

2 – Que nem sequer conhecia, continuou ele a pensar consigo mesmo, indo de um lado para outro, as mãos atrás das costas, examinando a criança de longe. Pensou em chamar a polícia, dar o alarme, gritar por socorro, fazer qualquer coisa enfim. Mas de súbito, pálido, a mente iluminada por um relâmpago, lembrou-se de Ritinha, e pé ante pé, como quem teme acordar a presença de um fantasma, encaminhou-se até a borda da cama e examinou de novo o rosto da criança. Seria “ela”? Examinou a curva do queixo, o nariz pequeno, os olhos cor de cinza. Ah! Todas as crianças, desgraçadamente, se parecem umas com as outras...

Talvez fosse ela, mas não tinha nenhum sinal autêntico que a identificasse. No entanto, prestando bem atenção, o tom geral, a cor da pele, por assim dizer, era o mesmo de Ritinha. Era o mesmo aveludado que ele tanto amara no princípio. Sem querer, levado pelo inocente que brincava diante dele, rememorou os últimos capítulos de seu romance com a operária, quando já se decidira que se casaria com Margot, e que não tornaria rever a antiga amante. Tinha pena, é verdade, mas porque se entregara ela daquele modo, por que precipitara as coisas àquele ponto? Ainda a via diante dele, os olhos cheios de lágrimas: “Você há de pagar isto, Alcino, você há de pagar”. E ele, colérico, dando laço à gravata: “Mas minha filha, é uma oportunidade para mim... A Margot é cheia de “gaita”, e eu não passo de um pé rapado.” Penosamente, enxugando as lágrimas, Ritinha se levantara, fora lavar o rosto. Quando voltara, os cabelos molhados, os lábios brancos, as sardas aparecendo, ele pensara como ela era feia, e indagava de si mesmo, com espanto, como pudera enamorar-se daquela criatura... Ritinha ainda tentara o grande golpe decisivo: “Você sabe, estou grávida, Alcino...” Ele fora dramático, decisivo: “A culpa dos filhos cabe às mães, minha filha!” Ela fitara-o, sem encontrar resposta. Apenas, quando ele atingia a porta, indagara com voz trêmula: “Então, é o adeus Alcino?”. Ele hesitara e, agarrando-se aos seus propósitos de firmeza, dissera: “É o adeus”. E saíra, batendo a porta.

Soubera depois que ela andava ao deus dará, mal-vestida, bebericando pelos botequins sórdidos da cidade. Tivera caráter – nunca mais o procurara. Nunca mais, até que...

*

3 - Olhou a cama com um novo calafrio: sim, devia ser o filho de Ritinha, devia ser o “seu” filho. Aquela palavra causou-lhe uma espécie de vertigem, sentiu falta-lhe o ar e encostou-se à cama, estonteado. Seu filho! Era uma ideia perfeitamente absurda: que diria a Margot, quando entrasse e viesse beijá-lo como fazia às vezes? Que diria com aquela criança na cama, o ar aparvalhado, sem encontrar uma única explicação para o fato insólito?

Lembrou-se de procurar Ritinha, devolver-lhe o presente. Sim, o melhor era isto, procurá-la pelos botequins, no pequeno quarto em que morava, dizer-lhe que não aceitava em absoluto aquela responsabilidade. A ideia ganhou-o como um rastilho – retirou do armário a primeira roupa que encontrou e, vestindo-se às pressas, tomou a criança, enrolou-a nalguns cueiros que trazia, dirigiu-se à porta. Ai,

lembrou-se dos vizinhos. Que diriam, ao vê-lo carregando uma criança? Aflito, enxugou o suor que lhe escorria pela testa. Deus do céu, em que encrencas um homem se mete! E aquela desgraçada Ritinha...

Entreabriu a porta e espiou: ninguém. Rápido, tomando a decisão com a ligeireza de um condenado que depara com a porta aberta, esgueirou-se com o embrulho apertado contra o peito, disposto a sufocar qualquer rumor importuno. A criança, porém, dócil, e ele ganhou calmamente a rua, perdendo-se em meio à multidão que àquela hora se encaminhava para o trabalho.

*

4 – Diante de um jornaleiro, um retrato na primeira página de um matutino chamou-lhe atenção. Aproximou-se, pensando que aquele rosto não lhe era desconhecido. E de súbito, com um grito quase, reconheceu o rosto de Ritinha, o retrato de Ritinha, os olhos de Ritinha! Era ela, não havia a menor dúvida. Aproximou-se mais e leu por baixo: “Rita de Assis, a suicida” Ah! então era isto...Durante um largo minuto, com o sol fulgurando inteiro em sua face, ficou petrificado, a criança apertada entre os braços. Ritinha se matara, Ritinha se fora deste mundo, e abandonara em suas mãos a responsabilidade daquela tola aventura, daquele romance que ameaçava agora estragar-lhe a vida... Ritinha se fora. Uma, duas, três vezes repetiu a afirmativa, meio-cego, meio-inconsciente, sabendo apenas que entre suas mãos palpitavam aquelas formas reais e mornas. Caminhou, caminhou durante muito tempo, sem saber o que fizesse. Decerto ela se introduzira em seu quarto na noite anterior e ele, cambaleando de sono, nem sequer vira o que se achava ao seu lado. E agora, que faria, como se desembaraçaria daquele terrível fardo? Caminhou, caminhou ainda durante horas seguidas. A criança começava a chorar, imaginou que ela tivesse fome e comprando uma lata de leite condensado, despejou grande parte do líquido, gota a gota, na boca do pequenino. Ele sugava com avidez, até que se fartou, fechou os olhos e adormeceu. Adormeceu em seus braços, seguro e tranquilo. Deus do céu, que fazer? E Alcino imaginou histórias em que crianças débeis vencem a persistência e a hostilidade de pais sem afeto. Quem sabe, ele acabaria por amar aquele pobre diabinho? Mas não, nem pensar isto, era sua vida perdida, Margot sabendo de tudo, o noivado desmanchando. Caminhou, caminhou ainda durante muito tempo. Às vezes parava e examinava a criança, como se ainda não acreditasse na sua presença. Chamava-o de nomes bizarros, para ver se ela atendia, se dava mostras de compreender:

“Nenê, Lulú, ei Dedé...” O menino sorria, indiferente. Então, ele continuava a caminhar, e vinha-lhe um suor frio, um desânimo que se apossava de todo o seu corpo. Já começava a anoitecer, quando atingiu à praça 15: devagar, caminhando sem vontade, aproximou-se do cais, olhou o mar infinito e cor de chumbo. Uma ideia luminosa atravessou-lhe o pensamento. Já as luzes se acendiam, a multidão apressada ganhava o caminho das barcas. Dirigiu-se a um recanto mais escuro e ali, olhando furtivamente para os lados, como criminoso, esperou que escurecesse mais. Quando o movimento diminuiu e a noite se tornou maior, desceu os degraus que conduziam até a água e, relanceando uma última vez em torno depositou o embrulho, quase com ternura, sobre as vagas oscilantes e imundas. Um instante ainda a coisa boiou, enquanto dois olhos pequenos, inconscientes, fitavam-no da distância que começava a se formar. Depois o embrulho empapou-se d’água, afundou de repente e Alcino, com um suspiro, contemplou a noite densa e absoluta, e que trazia enfim, a sua liberdade.

Vampiro

1 – Às vezes, quando um ou outro companheiro indagava do seu passado sorria misterioso e dizia:

- Se vocês soubessem...

- Mas então, você não foi sempre professor?

Ele movia a cabeça, enigmático:

- Sempre, não. Já fui várias coisas nesta vida...

Era um homem baixo e quase gordo, com a pele queimada de sol. Talvez, em outras épocas tivesse sido magro e pálido, hoje apenas conservava desse passado que teimava em tornar suspeito e estranho, certos modos bruscos, um ou outro lampejo no olhar e, talvez a única coisa que realmente pudesse despertar suspeita em sua pessoa, um corte na face, uma longa cicatriz, como produzida por uma navalha.

- Dr. Amâncio, conte a sua história – pedia um dos alunos.

E ele, movendo a cabeça:

- Para que? Minha história não interessa a ninguém...

E sorria de um modo que parecia significar que sabia muito bem que a sua história interessava a todas as pessoas do mundo...

2 – Em casa, assim que retirava o paletó e se estendia na velha cadeira de balanço, tomava os seus álbuns, já de folhas amareladas de tanto serem repassadas, e começava a reviver a sua vida, a sua famosa vida. Ali estavam os jornais da época, comentários, entrevistas, tudo enfim o que fizera em épocas passadas a sua glória. Fora um vampiro, um terrível criminoso, estivera vários anos de cadeia, mudara afinal de identidade, tornara-se, a fim de poder viver, num modesto professor. Mas a publicidade feita naquele período, trouxera-lhe o gosto da fama e da notoriedade. Quietamente, no seu posto obscuro, gostava de reviver a glória passada. E enquanto a noite caía mansamente, revirava as folhas, deixando os olhos vagarem pelos títulos inquietantes: “O vampiro de Cascadura”. “Misterioso crime no Meyer”. “O vampiro ataca novamente”. “Preso o vampiro”. “Primeira entrevista com o vampiro”. E assim por diante, como se realmente ele fosse um personagem extraordinário, de decisiva importância. Com um suspiro, ele guardava novamente os preciosos álbuns, e dando impulso à cadeira, repetia em voz alta:

- Se eles soubessem...

3 – Um dia, como estivesse folheando os álbuns, alguém bateu à sua porta. Ele os deixou sobre a mesa e foi ver de quem se tratava. Era uma de suas alunas, uma mocinha nervosa, que desejava aulas particulares, alegando que não se achava no mesmo grau de adiantamento das outras etc. Ele fitou-a um instante e disse que não podia satisfazer-lhe aquele desejo. Ela insistiu:

- Mas doutor, o senhor não precisa se incomodar, virei à sua casa!

- Não é isto, é que tenho como sagradas as minhas horas de descanso...

Explicou ele.

Ela continuava insistindo, e no calor da discussão, encaminharam-se até a mesa onde se achavam os álbuns de recortes.

- O senhor poderia me dar um copo d'água? – pediu ela.

- Pois não – e o professor foi até à cozinha buscar o que ela requisitava.

A moça, naturalmente bisbilhoteira, quis ver o que continham os álbuns: e abrindo-os, precipitadamente, viu o retrato do professor no tempo em que era vampiro temido, e as notícias com cabeçalhos espalhafatosos. Neste momento ele voltou lá de dentro. Ao ver a moça inclinada sobre o seu segredo deixou escapar um grito. Ela voltou-se muda de assombro.

- Oh, desculpe, disse.

Não tocou mais no assunto das aulas particulares e saiu, precipitadamente, sem nem ao menos tomar o copo d'água.

4 – Desde esse dia, começou a verdadeira desgraça do professor. Uma aura sombria passou a prosseguir-lo, e em todas as fisionomias havia expresso um terror fundo e concentrado. “Um vampiro” era o que se lia em todas as fisionomias, que agora acompanhavam atentamente os seus gestos. Mas aquele título não tardou muito a ficar completamente desmoralizado. Um dia em que ele entrava em classe, encontrou a caricatura de um vampiro desenhado no quadro negro. Em vão procurou quem era o autor da façanha: havia um “complot” generalizado na classe. Agora, se passava no corredor, ouvia por trás dele um assovio fino, e alcunha gritada em voz de falsete: “Vampiro...” O professor empalidecia, cheio de raiva: preferia o terror inicial, àquela falta de respeito, àquele desaforo. Não o respeitavam mais, zombavam dele, não acreditavam na sua lenda, aquela mesma que ele defendia no começo, com um sorriso misterioso. Agora, se dizia “Ah, se vocês soubessem”, um sorriso desdenhoso o acolhia. Ninguém acreditava mais na sua fama de terrível criminoso. E sentindo-se desmoralizado, ele compreendeu que

devia realizar um ato terrível, matar alguém, trucidar algumas crianças, mas que se renovasse assim a sua importância, e ele pudesse caminhar de novo calmamente, com um segredo que ninguém ainda devassara, e que fazia a sua força, o seu orgulho.

5 – Assim, um dia em que chegaria mais cedo à escola, procurou a moça que fora à sua casa:

- Sabe? Estou disposto a dar-lhe as aulas que desejava...

A moça tentou desviar o assunto:

- Mas, doutor, o seu repouso...

Ele fingiu que não entendia:

- Tenho agora muito tempo, pois acabei um trabalho importante que estava fazendo.

Não havia como fugir, e a moça, depois de consultar os colegas, (“Boba, disseram-lhe eles, isto de vampiro é tolice. Quem sabe não será um meio de sabermos mais alguma coisa? O melhor é você aceitar...”) acabou aparecendo em casa do professor.

6 – Ele recebeu-a num ambiente sombrio, de janelas, de janelas fechadas. Um cheiro de mofo errava pela casa. A moça pediu que ele deixasse a claridade entrar. E pela primeira vez, o professor “representou” o papel de vampiro:

- Não, é melhor ficarmos no escuro.

- Para que? – indagou ela assustada.

E o professor:

A moça levantou-se, disposta a partir, não tolerava gracejos. O professor também se ergueu, compreendendo que havia chegado o momento culminante.

- Pelo amor de Deus... – implorou a mocinha.

Ele avançou para ela, duro, resolvido a reconquistar a sua personalidade antiga. À medida que ele se aproximava, a mocinha ia adquirindo forças e quando o viu estender as mãos para ela – mãos trêmulas, mãos que já não se assemelhavam mais às mãos de vampiro... – agarrou um jarro de vidro e, sem hesitar, partiu-o na cabeça do professor. Ele viu tudo escurecer à sua volta, enquanto o sangue jorrava-lhe pela testa. A moça, percebendo que ele ia cair, aproveitou a oportunidade para abandonar a sala, correndo.

Quando voltou a si, o sangue já se coagulara sobre a sua face. Ele foi ao espelho e examinou-se durante algum tempo: sua figura era triste, lamentável.

- Decididamente, disse ele, consigo próprio, não há mais jeito. Estou completamente desmoralizado.

Não foi mais à escola, mudou mesmo de cidade.

Carnavalesco

1 – Carmindo despediu-se da mulher, dando-lhe um beijo na testa:

- Você hoje pode esperar, meu bem, que eu trago o dinheiro do aluguel.

Era manhã morna, quase de primavera. Sobre o asfalto lavado, ainda voavam restos esparsos de confetes, trêmulos na esteira rápida dos automóveis – restos evidentes da batalha do dia anterior: Com a brisa, Carminho descobriu errando na atmosfera uma fragrância de lança-perfume – e aquilo lhe trouxe uma aura terna e melancólica ao coração. Ah, seu tempo, os bons tempos dos Tenentes do Diabo, quando indiferente a tudo, sob um calor sufocante, ele envergava a sua “havaiana”, os cabelos cheios de papalotes. Anísia surgira depois, e lá se haviam ido os tempos de farra. Mas cheiro de lança-perfume, para bom carnavalesco, era como mexer com o próprio sangue. E Carmindo, na manhã boa e sem pecados, ia descendo a rua, a caminho do escritório, enquanto qualquer coisa, como um guiso invisível, começava a se agitar no fundo, ordinariamente, pacato do seu coração...

*

2 – Encontrou o escritório em reboliço: o pagamento havia saído e todas as fisionomias espelhavam um indisfarçável contentamento. Alcides, que trabalhava com ele no Arquivo, bateu-lhe no ombro:

- Seu envelope já está no “guichet”...

Conversando, dirigiram-se para a pagadoria. Carmindo recebeu o envelope cheio, não havia feito vales aquele mês.

- Que beleza! – exclamou Alcides, os olhos brilhando.

- Economias, meu caro, economias! – brandou Carmindo.

Voltaram à sala e ligeira alteração se produziu nos modos de Alcides – parecia nervoso, inquieto. E aproveitando uma folga na conversa interminável de dona Filomena, uma solteirona que convertera a repartição em único fito de sua vida, tornou a bater no ombro do colega:

- Você sabe? Devíamos aproveitar hoje e fazer uma farra...

- Você está doido! – exclamou Carmindo. Este dinheiro é o aluguel da minha casa.

- Mas se você retirar um pouquinho... Olha, junto com o que tenho, dá para uma boa patuscada.

- Nem pensar nisto! – bradou Carmindo, inabalável.

Mas Alcides não se deu por vencido, foi à rua, voltou com um lança-perfume. Carmindo se achava abaixado, procurando um cartão na letra S, quando sentiu na nuca o esguicho frio. Deixou escapar um gritinho – e santo Deus, logo o perfume delicioso, éter e “murguet”, espalhou-se em torno dele. Revirou os olhos, sentindo o guiso do seu coração se multiplicar numa infinidade deles. E com voz embargada, trêmula, deixou escapar:

- Eta coisa boa...

Alcides percebeu que havia ganho a partida.

*

3 – Carmindo, ainda agitado pelo remorso, repetiu na rua, o dedo em riste:

- Não posso gastar mais de Cr\$500,00, ouviu? Assim mesmo...

O outro, dono da ciência de convencer, esguichou lhe um jato sobre a mão. Carmindo cheirou, empalideceu – os guizos infernais se repetiram. Dali, dirigiram-se a uma senhora que alugava fantasias e meteram-se em dois vistosos arlequins.

- Que direi à minha mulher? – indagou Carmindo angustiado.

- Ora esta, a desculpa clássica: que está fazendo serão.

- Boa ideia! – exclamou Carmindo, animado com novo jato de lança-perfume.

Dali mesmo, da casa das fantasias, telefonou à mulher, dizendo que o patrão exigira para aquela noite um trabalho extraordinário, Anísia foi positiva:

- Está bem, meu amor, mas traga o dinheiro certinho para casa, ouviu?

Ele precipitou-se:

- Já está comigo, meu anjo.

E Anísia, feroz:

- Porque se não o trouxe inteirinho, vai dormir na rua, está ouvindo, meu bem?

- Estou sim, meu tesouro.

Desligado o telefone, ele teve o seu momento de dúvida: quem sabe estaria cometendo uma tolice? Mas veio o Alcides com o abençoado éter – e Carmindo, dividindo o dinheiro em vários bolsos, por precaução lambuzou um pouco mais a cara de vermelhão e ganhou a rua, onde um sol terrível denunciava o mais intransigente dos verões.

*

4 – Foram diretos ao Bola Preta. No auge da felicidade, Carmindo afirmava que nunca se divertira tanto, nem nos áureos tempos. Haviam se unido a um grupo

de mulheres mascaradas – um mimo, reconhecia-se pela voz... – e as doses de uísque, célebres, começaram a correr pela mesa. Na hora de pagar, Alcides interceptava dramaticamente o amigo:

- Não, Carmindo, esta roda é minha!

E assim foram pela noite adentro, Carmindo já embriagado, mas ainda consciente do que deveria fazer. De vez em quando, por pura preocupação, apalpava o bolso para ver se o dinheiro do aluguel se achava lá, e como o masso estivesse sempre no mesmo bolso, tomava outro uísque, outra dose de lança-perfume e lá ia, com uma das damas mascaradas ao braço, saracotear pela sala.

Mas chegou o momento em que tudo foi confusão na sua cabeça: a sala girou, perdeu o equilíbrio, enquanto uma convulsão tremenda agitava-lhe as entranhas de há muito pacificadas pelo repouso. Ele só teve tempo de bradar:

- Meu Deus! – e caiu nos braços de Alcides, conservando ainda na visão, como uma última lembrança, a memória dos losangos coloridos da fantasia do amigo.

Quando voltou a si, já não se achava mais no clube, estava deitado na escadaria do Municipal, sobre um monte de serpentinas. A manhã vinha nascendo, uma manhã honesta, de ruídos familiares e trabalhos burgueses. A consciência surgiu-lhe como um jato de água fria e ele apalpou o bolso: nada, não havia mais o dinheiro. Nem o dinheiro, nem o paletó, coisa alguma enfim que pudesse comprovar a autenticidade de um serão pacífico e remunerador. Que fazer agora, como chegar em casa? Decidiu-se pela verdade e, ainda fantasiado de arlequim, tomou o rumo de casa. Bateu à janela, docemente, a fim de não acordar os vizinhos.

- Quem é? – brandou a voz insone de Anísia

- Sou eu, meu bem... – gemeu ele

Ela entreabriu a janela:

- Trouxe o dinheiro?

- Escuta, meu anjo...

Anísia olhou e percebeu a fantasia lamentável. Varreu-a um vento de cólera:

- Pois fique na farra, vá dormir na rua! – e bateu a janela.

Carmindo compreendeu que era inútil insistir. Miserável, ridículo, sentou-se na porta do jardim. Um girassol recém-desabrochado, fitou-o iluminado do alto da sua glória e da sua mocidade.

Cadáver

1 – A viúva, que se achava inconsolável a um canto, dizia que ele tinha morrido de repente. Quando acabava de dizer isto, olhava para o corpo, estendido entre as quatro velas e punha-se a uivar:

- Uma desgraça! Que é que eu vou fazer agora? Vizinhas caritativas tomavam-na nos braços, esfregavam-lhe álcool nas têmporas e nas narinas, ministravam-lhe chazinhos e goles de café forte. Dona Eulalia, que era gorda e já rompera todo o “robe de chambre” na luta readquirida novas forças, entrava a esmurrar daqui e dali, abatia-se afinal, o rosto vermelho, lavado, sobre uma cadeira que gemia à força do seu peso.

- Que é que eu vou fazer agora? – repetia

Ninguém respondia, e muito menos o defunto, quieto definitivo na sua roupa preta feita especialmente para as grandes solenidades, um resto de sorriso murcho nos lábios que quase nunca haviam sorrido, uma triste dália, amarela e sem graça, entre os dedos trançados. Muito menos o cadáver, que se fora desta para melhor através de uma agonia longa e dolorosa, que lhe murchara o brilho e as pálpebras, tornando-o um ser incolor e esquisito, que a mulher com certo espanto e uma ligeira ponta de asco.

*

2 - Já o sol se encaminhava para o meio-dia, e uma quietude pesada, luminosa, fizera-se lá fora. Um outro pregão retinia na pequena rua, um grito de criança, o latido de um cachorro. As notas de um plano desafinado chegaram de muito longe. E na sala desarrumada, onde o cadáver descansava, enquanto duas ou três vizinhas arrumavam molhos de dalias e de saudades, o grito habitual voltava a retinir de vez em quando:

- Que é eu vou fazer?

Já ninguém se importava mais, os filhos mais velhos haviam saído para tratar dos papéis, dona Eulália, entregue à própria sorte, rolava de um lado para outro de sua cama de casal, forrada a edredom vermelho, a testa molhada de suor. De repente, calou-se. Devia ter reparado que se achava sozinha e que o seu golpe teatral não surtia mais efeito. Devagar, levantou-se, foi espiar através da fresta: lá se achava o cadáver, a dália entre as mãos. Lembrava-se de que aquela flor havia surgido solitária no canteiro esturricado da entrada e que o morto, transportado numa cadeira à varanda, a fim de “tomar um pouco de ar”, dissera ao vê-la: “que

beleza!” E ali se achava, caritativamente, numa última homenagem à sua vida extinta, calma e humilde. Dona Eulália lembrou-se disso e de outras coisas mais. A criada, sem dúvida prevendo a afluência de amigos para o enterro, havia atirado sobre o leito de agonia, desajeitadamente, o edredom vermelho. Mas ao lado, na mesinha de cabeceira, achavam-se os frascos de remédios, as seringas, as ampolas de soro. Um odor característico de quartos de enfermos fluuava através das persianas fechadas: e tudo era quente, inerte, cheio de uma infinita e tediosa lassidão.

Dona Eulalia abriu completamente a porta e surgiu na sala. Duas ou três amigas, que desfiavam um rosário a um canto, vieram ao seu encontro, acreditando que a cena ia se repetir. Dona Eulalia, no entanto, afastou-as com um gesto decidido e encaminhou-se para o meio da sala.

Um pardal, indiferente, cismava qualquer coisa no parapeito da varanda.

*

3 - Uma das rezadeiras aproximou-se decidida:

- A senhora devia repousar. Depois de toda sua luta...

Ela aceitou um instante aquele abraço protetor, enquanto seus olhos percorriam meio assombrados a cena armada na sala. Assim, pois, era aquilo a morte e como a imaginara durante noites e noites seguidas, ao assisti-la instalar-se lenta e segura no íntimo combalido de seu marido, no vê-la, sem nenhum terror, progredir sobre aqueles membros dominados, sem resistência, que mal conseguiram, no instante derradeiro, esboçar um gesto de adeus.

Serena, encaminhou-se ao fundo da sala, sentou-se numa cadeira. Sentou-se simplesmente, sem alarde, os olhos muito abertos cercados de negro. E, no entanto, aquela sala que não reconhecia agora, era a mesma em que vivera durante tantos anos, em que discutira e lutara contra a morte, nesta luta mesquinha, ignara, de todos os dias. Ali haviam travado as primeiras disputas após o casamento, haviam rebentado os primeiros ciúmes, havia ela gemido as dores dos primeiros partos, haviam discutido o dinheiro sempre deficiente, a carestia das coisas os vencimentos atrasados – todas essas coisas miúdas, permanentes, e que, no entanto, eram o suficiente para envenenar uma existência inteira. Ali, em certa noite, ele jurara que ia desaparecer, que ia se matar – e regressara dois dias depois para pedir-lhe perdão, soluçando. Ali, ultimamente, retirando uma bolada do bolso, ele bradara: “Está vendo, Eulalia? Estou rico, tirei na sorte grande!”

Ali...

*

4 – Dona Eulalia foi arrancada às suas meditações pela entrada brusca de quatro ou cinco homens vestidos de preto. Vinham acompanhados pelos seus filhos mais velhos, todos rapazes esportivos que ainda não haviam tido tempo para encontrar uma fisionomia mais ou menos grave, adequada à solenidade das circunstâncias. Ela não se moveu, e viu o grupo aproximar-se da mesa onde se achava o cadáver. Saíram de novo, voltaram com um caixão pesado, cheio de lances. Devagar, como se tivessem medo de acordar o morto – ele sorria sempre, aquele meio sorriso que lhe arregaçava um canto dos lábios – seguraram-no pelas axilas e introduziram-no na urna. O corpo tombou com um baque seco – o fundo devia ser de zinco – e dona Eulalia não pode deixar de estremecer. Fecharam a tampa com um novo baque, e ela estremeceu novamente. Lá se ia ele, lá se ia a sua vida de casada. Começaram então a martelar, e aquelas pancadas ecoavam com um ruído surdo, que se prolongava indefinidamente na consciência de dona Eulalia. Martelaram, martelaram durante cinco minutos, e dona Eulalia estremeceu sempre, imaginando o morto entre aquelas quatro tábuas, sufocando, com seu horrível sorriso, a dália pálida, entre os dedos. Aquilo crescia, à medida que redobravam as pancadas – e de repente, sem ar, o peito sacudido por convulsões, levantou-se e começou a berrar: ela é quem tinha culpa, matara o marido, envenenara-o durante dias e dias seguidos, podia até mostrar o veneno. Os homens haviam detido o trabalho e fitavam-na, olhos arregalados – e como movida por uma força misteriosa, dona Eulalia falava, contava os requintes que tinha tido, os envelopes comprados furtivamente na farmácia, os primeiros sintomas, como enganara o médico, os dias que passara à cabeceira do moribundo, seus últimos estremecimentos. Os filhos, ansiosos, vieram colocar-se ao lado da mãe, que gritava sempre, esgrouvinhada. E dona Eulalia, uivando sempre, dissera que fizera aquilo por causa do dinheiro: o marido tirava na loteria e ela queria conservar tudo para si própria, estava farta de miséria. Como todo mundo duvidasse do que ela dizia, avançou intempestivamente para o quarto, pôs-se a revolver a cama retirou de sob o colchão um masso de notas. E enquanto, pálidos, ofegantes, todos se rendiam à terrível evidência, ela brandia as notas e com um sorriso nervoso, incontrolado, espalhava-as sobre o caixão, pela casa, sobre as circunstantes, num desatino de louca.

Assombração

1 – Ele tinha dito, num último arquejo, a vela mal segura nas mãos:

- Você sabe? Eu volto. Se você vender essas terras a outro, eu volto para me vingar, Clarinha, eu volto nem que seja do inferno...

Morreu depois dessa frase, retesado, a cabeça para trás, os olhos vidrados. Clarinha, antes de qualquer manifestação de pesar – a verdade é que nunca amara muito o marido... – foi comunicar ao cunhado, que se achava deitado numa rede na varanda, o que se passara.

- Morreu mesmo? – indagou este.

- Morreu.

E em vez de fitá-lo, os lábios de Clarinha tremeram e ela olhou para longe, para os lados do muro que dividia a chácara dos vastos pastos que eram as terras naus cobiçadas do lugar. Então Peixoto tomou-a nos braços enquanto dizia:

- Então agora é tudo nosso, Clarinha, seremos felizes!

Ela, porém, despreendeu-se dele, dizendo:

- Não, não, Peixoto, não posso fazer isto. Ele jurou na hora de morrer que viria vingar-se, caso eu me desfizesse das terras...

Peixoto tornou-se pálido e murmurou:

- Bobagens...

Mas Clarinha encaminhou-se decidida para dentro, começando lá as suas primeiras manifestações de dor.

*

2 – Em vão Peixoto tentou aproximar-se dela durante o velório – distante, fria, Clarinha parecia ter esquecido definitivamente todas as suas promessas, completamente entregue à dor de sua viuvez. Atendida às visitas, chorava no ombro de um, de outro, e nem sequer uma única vez voltou suas vistas para o lugar em que ele se achava. Era evidente que ela levava a sério o juramento do falecido. À saída do caixão, quando a multidão se aglomerava à porta, Clarinha fingiu um desmaio, encostou-se ao portal, muito pálida – e sob pretexto de socorrê-la, Peixoto aproximou-se, procurando passar-lhe o braço em volta da cintura. Assim que percebeu de quem se tratava, ela voltou a si, empurrou-o:

- Você não, disse, você eu não quero.

Pálido, mordendo os lábios de despeito, ele ficou de longe assistindo à cerimônia. E enquanto o caixão, bordado a ouro, atravessava o jardim sob a luz

fulgurante do sol, imaginava o morto que ia deitado lá dentro, o quanto haviam se odiado, o quanto ele o havia traído – nos negócios, com a mulher, com os parentes e os amigos, com todo mundo. No entanto, naquele minuto solene, era obrigado a confessar que o morto parecia vingar-se de tudo e que, no instante em que ele prometia coroar toda a sua longa e paciente obra, desmoronava-se tudo, devido unicamente a um simples juramento feito na hora de morrer.

*

3 – Tentou ainda dias após o enterro, convencer a cunhada de que tudo aquilo era uma tolice. Os mortos não voltam, achavam-se bem mortos, e nada poderia perturbar em que jaziam. Mas Clarinha, surda a qualquer arrazoado, mantinha-se firme no seu ponto de vista: não venderia as terras, não mais fugiria com o cunhado. Ali viveria eternamente como uma viúva, para que o morto, a quem ela em vida fizera tanto mal, não tivesse motivos para destruir lhe a tranquilidade. Foi só a esta altura, vendo a obstinação de sua antiga amante, que Peixoto imaginou encontrar meios mais decisivos para convencê-la.

Nessa disposição afastou-se alguns dias, trancando-se em casa a fim de estudar quais os métodos a serem empregados. Pensou, pensou, pensou, e afinal chegou à conclusão de que deveria seguir à risca o ditado que afirma que deve ser ferido com ferro aquele que com ferro fere. Isto é, já que fora por temor de assombrações que ela o despachara, pelo temor de assombrações é que ele deveria vencê-la. Meditou ainda mais – e afinal, satisfeito, resolveu pôr em prática seus planos. Passou a visitar menos a chácara, mas clandestinamente lá ia todos os dias, inspecionando portas, claraboias e comunicações. Nunca mais falou à cunhada de seus antigos planos – e Clarinha, convicta de que ele havia esquecido tudo, passou a frequentar a igreja, a fim de rezar pelo defunto e limpar sua alma de antigos pecados.

*

4 – Uma noite, achava-se ela na sala de jantar, quando ouviu gemidos no corredor. Gemidos exatos de assombração, como se alguém a chamasse do outro mundo. Lembrou-se do marido, persignou-se e foi até o corredor, nada encontrando, porém. Dede esse dia, sistematicamente à mesma hora, os gemidos reapareciam – e dentro em breve toda a chácara convertia-se num legítimo pandemônio, com gritos lancinantes aqui, gemidos e arrastar de correntes ali, imprecações, ameaças e

correrias por todos os lados. Clarinha não tinha mais sossego, lamentava-se, refugiava-se junto às empregadas, pedia ao padre para vir benzer a casa.

- Está enfeitiçada – dizia ela.

E o vigário, sem compreender:

- Mas como?

E ela, enxugando as lágrimas:

- Creio que a alma de meu marido ainda não encontrou repouso.

Mandou dizer novas missas, tornou o luto mais carregado, mas os sintomas de assombramento não diminuía na chácara: todas as noites eram gemidos e pragas, ameaças que nem chegava a compreender direito. Então foi a vez do cunhado entrar em cena:

- Por que não consulta um espírita? – indagou. Deste modo poderia saber o que seu marido deseja.

Clarinha afirmou que ainda não se lembrara de semelhante recurso – e combinou com o cunhado, que iria no dia seguinte a uma sessão.

*

5 – O espírito consultado foi positivo:

- Minha querida esposa Clarinha, disse o espírito, não devia ter jurado aquilo no dia de minha morte. A verdade é que estava com ciúmes, e um morto não deve ter ciúmes. Você deve vender a chácara e se casar com meu irmão. Assim poderei gozar a paz eterna.

Clarinha, muito emocionada, derramou algumas lágrimas, e como para positivar ainda mais o valor da consulta, desde esse dia os gemidos desapareceram, os gritos e o arrastar de correntes. Então ela não hesitou: casou-se com o cunhado e vendeu a chácara, tal como Peixoto propusera desde o princípio.

Correram mundo, andaram por todas as partes. O tempo passou, e a história da chácara foi esquecida. Mas um dia, Clarinha teve um sonho horrível: veio o antigo marido, ameaçando-a com os piores castigos na eternidade. Quando acordou, ainda molhada pelo suor do pesadelo, contou tudo ao marido. Este, para tranquilizá-la, disse:

- Tola, não há assombração nenhuma. Aquilo tudo fui eu quem fez. Tinha o meu arsenal na casa do jardineiro, e se você desse um pulo até lá... Era o único meio de convencê-la, não era?

Desde esse dia, Clarinha passou a sonhar com o antigo marido todas as noites. E afinal, convencendo-se de que traíra a promessa feita a um agonizante, tomou a decisão de vingá-lo e, certa noite, tomando um revólver, abateu o marido com cinco tiros, feito que, apresentou-se à prisão.

Loteria

1 – A cartomante era gorda, baixa, e suas pequenas mãos, grossas e repugnantes, repousavam sobre a mesa, o baralho armado.

- Corto?

Sua voz era rouca, e o rapaz, diante dela, estremeceu como se tivesse escutado algo extremamente desagradável.

- Pode cortar, disse.

Ela dividiu o monte de cartas em três – e depois, com uma ligeireza que denunciava a longa experiência, cortou novamente o monte em mais três – e de súbito, voltou a carta inicial contraluz: às de ouros.

O rapaz fixou nela os olhos ávidos – e qualquer coisa oleosa, sinistra, espalhou-se no rosto da cartomante como um sorriso:

- Isto é sorte, meu amigo, sorte da boa.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio:

- Sorte como?

E ela, em voz muito baixa:

Isto é às de ouros. A sorte é em dinheiro. Olha...

O rapaz se achava ansiosamente preso ao menos seus movimentos. Ela colocou uma das mãos sobre o seu braço:

- Olha, sei até em que número você poderá ganhar, mas isto... isto custa mais cem mil réis.

Ele procurou aflitadamente no bolso e retirou a última nota. Ela apanhou-a, meteu-a no seio e sentenciou:

- Não perca o número 12.039. É a sorte grande.

O rapaz agradeceu e saiu, deslumbrado.

*

2 – Caminhava quase sem perceber onde se encontrava, acotovelando as pessoas, a testa molhada de suor, diante de uma banca de bilhetes deteve-se consultado o vendedor:

- O senhor tem o número 12.039?

O bilheteiro fez um movimento negativo com a cabeça e ia afastar-se, quando se deteve e indagou:

- Que número o senhor disse?

O moço sentiu iluminar-lhe um raio de esperança:

- 12.039.

Então o vendedor de bilhetes bateu-lhe no ombro, compassivamente:

- Que pena, o senhor está sem sorte. Acabo de vender este bilhete para aquele senhor gordo que se acha ali...

- Aquele da esquerda?

- Aquele mesmo.

- E tem certeza...

- Certeza? O 12.039 esteve em minhas mãos muitas horas.

Devagar, sem agradecer, o moço aproximou-se do homem gordo.

*

3 – No princípio não sabia como falar com ele, rodeava-o apenas, examinando-o, sem coragem. Era um homem baixo, aparentemente de posses, um anel no dedo grosso. Olhava o mundo com os olhos semicerrados, certo de sua força, as papadas vermelhas tombando sobre o colarinho. Qualquer coisa violenta como uma náusea sacudiu o estômago do moço. Como o outro o encarasse, estranhando sem dúvida a sua permanência ali, aproximou-se desajeitado:

- O senhor sabe onde fica a Casa das Loterias?

O homem examinou-o com cuidado:

- Não, não sei. Por quê?

- Queria comprar um bilhete... – gaguejou o outro.

O homem gordo rolou o charuto nos lábios:

- Comprei um ainda agora. O bisbilhoteiro ainda se acha ali.

- Mas só um número me serve, atalhou o outro.

- Posso saber qual é?

O moço lançou num tom desesperado:

- 12.039.

O homem gordo meteu a mão no bolso, desdobrou o bilhete, conferiu-o.

Depois:

- 12.039 é o meu, disse.

E um minuto após, como gozando o sofrimento do outro:

- E eu não o vendo por preço algum.

*

4 – Depois de falar isto, o homem gordo abandonou o café e perdeu-se na multidão. O moço hesitou um momento, depois como quem toma uma brusca

decisão, mergulhou entre a gente que enchia a rua e pôs-se a seguir o homem gordo. Para onde ia, não sabia – apenas acompanhava-o, renitentemente, como quem acompanha a felicidade entrevista num instante e desaparecida para sempre. Doía-lhe o coração, e ele sabia que tudo o que mais almejava no mundo se achava no bolso daquele homem gordo, possivelmente rico, e a quem aquele dinheiro não poderia mais trazer nenhum prazer. Ah, e ele lembrava-se das noites que passara em claro, imaginando como liquidar dívidas mesquinhas, das suas lutas nos empregos, das discussões e até dos dias de fome que pontuavam sua mocidade como um estribilho negro. Lembrava-se de tudo isto e tinha presente à memória, como uma obsessão, o rosto da cartomante que lhe dissera horas antes: “Não perca, é a sorte grande”. Não tinha mais nenhuma dúvida de que fosse a sorte grande, e caminhava a esmo, acompanhando o corpo gordo, inteiramente sem esperança. Podia não ter comprado o bilhete, mas encontrara-o, apenas para saber que ele não podia lhe pertencer. Capricho da sorte – e subiu ao coração do rapaz uma onda de fel, qualquer coisa escura e desatinada, como um frêmito de angústia, de revolta, diante de tanta injustiça do destino.

*

5 – O homem gordo parou diante de um bar, hesitou, depois empurrou a meia-porta de vidro e entrou. O rapaz também hesitou, tremendo perdê-lo, mas logo, impulsionado por uma força tremenda, abriu a porta e entrou também. Lá se achava o homem gordo, calmamente instalado diante de um copo de uísque. Passou e repassou diante dele, sem quase perceber o que fazia. Em certo momento, notou que o homem o examinava. Apressou o passo e abandonou o café, tremendo que o outro o interpelasse. Esperou longas horas do lado de fora, e aquela espera enervava-o de um modo particular, o suor cobria-lhe a testa, suas mãos tremiam. Afinal o homem gordo surgiu, e ele encostou-se à parede, a fim de que o outro não o visse. O homem gordo passou mesmo junto dele, um palito na boca. Acompanhou-o devagar, sorrateiro. Já a tarde vinha caindo, por trás dos altos edifícios adivinhava-se uma barra vermelha, um vento frio soprava do mar. O homem gordo caminhava sempre, em direção ao mercado. Súbito, deteve-se, e voltou-se para trás – era impossível não ter visto que o seguia. Esperou um pouco e disse:

- Que é que você quer? Por que me segue?

Então o moço surgiu completamente e ficou diante dele, pálido, sem saber o que fizesse. O homem gordo aproximou-se mais, um riso escarninho na face:

- É por causa do bilhete, não? Olha, aqui está...

E passou-lhe o papel bem rente ao nariz. Neste instante o moço perdeu a calma e atracou-se com ele. O outro teve uma exclamação de surpresa e ambos rolaram no chão. A luta durou pouco. As mãos ágeis, nervosas, do moço, cerraram-se em torno da garganta do homem gordo – e pouco a pouco todos os movimentos cessaram, o corpo ficou caído, o rosto de borco contra a terra. Rápido, ele se apoderou do bilhete, olhou o morto uma última vez, saiu correndo. De novo alcançou o centro da cidade. A esta hora, nas lojas principais, deviam estar afixados os resultados da loteria. Dirigiu-se a uma delas, a mais movimentada. Havia uma lousa suspensa mesmo por cima de sua cabeça. Todos os números premiados ali se achavam inscritos. Ele conferiu, conferiu, até que seus olhos se turvavam e não viu mais nada – nenhum dos números apontados correspondia do que tinha entre as mãos, ao que lhe anunciara a cartomante como sendo o da sorte grande – e pelo qual acabara de matar um homem.

No banheiro

1 – Quando Marita ainda era pequenina, dona Dolores, à porta conversava com as vizinhas e profetizou:

- Minha filha tem de dar o que falar. Aquilo ali não é barro atoa, não... Se Deus quiser, vai ser estrela de cinema ou de teatro, seu nome há de brilhar em luzes coloridas nas fachadas dos cassinos...

As vizinhas quedavam-se boquiabertas, admirando e invejando ao mesmo tempo o fenômeno. Assim Marita crescera num ambiente de expectativa, e com cuidados a parte, pois todo mundo se julgava na obrigação de lhe prestar homenagens especiais. E afinal de contas, Marita não era tão bonita assim, um tipo comum, cabelos castanhos langorosos, um nariz achatado. Mas de tanto ouvir a mãe falar, acabara convicta de que realmente era um caso muito importante e que todos os estudiosos estavam à sua espera para um teste decisivo, que seria o primeiro passo para a glória.

*

2 – Mas enquanto o famoso dia não achava, dona Dolores, que já esmaecera os arroubos com a idade, imaginava um mio de casar a filha bem, pelo menos isto, já que não a conseguia transformar numa Dorothy Lamour... E de tanto pensar, acabou encontrando o par ideal no filho de dona Catarina, a vizinha da esquina, que muito pacatamente preparara o seu pimpolho, um peralta, um moleque de rua, como o chamava dona Dolores, para a Escola Militar. Quando o viu fardado, dona Dolores quase caiu para trás, sufocada:

- Santo Deus, olha só o Didinho fardado!

E desde então, a imagem do futuro oficial do Exército não lhe saía do pensamento. Em toda a rua, era o único com um futuro, o único que poderia apresentar como um genro decente. E tratou de abrir os olhos de Marita:

- Olha só para o Didinho, não tarda muito e aí teremos um garboso oficial, você vai ver...

Marita olhava-o, olhava-o – que afinal de contas, era a única coisa que fazia o dia inteiro, olhar para os homens, para todos os homens – e voltava-se para a mãe:

- Não gosto muito dele, sabe? Tem uma cara de sonso...

Dona Dolores intervinha, decisiva:

- Deixa dessas bobagens de estar imaginando um galã de cinema para marido, minha filha. Aqui não tem disso não... Pega mesmo o Didinho, que vai ser gente, e espera que o amor venha depois.

E como Marita fizesse uma cara enjoada:

- Você sabe, concluía, tenho as minhas responsabilidades. Sempre anunciei que você seria melhor do que as outras e, francamente, já que não se resolve a ser uma grande atriz, pelo menos case com um tipo direito. Este Didinho serve, vai ver.

*

3 – Mas o coração tem estranhos caprichos e a nossa “diva” fracassada acabou se enamorando realmente de um vizinho, mas da outra esquina exatamente, o Felisberto, que jogava “ronda” todas as noites debaixo do poste, era um notório malandro e vivia desde já com várias entradas na polícia. Dona Dolores não soube logo do caso, se bem que os comentários andassem na boca de todo mundo. E é claro, com certo prazo perverso e certos comentários muito oportunos. Por exemplo, dona Emília, a italiana, que sempre se vira desprezada e relegada por ter posto no mundo uma camandula de filhos terríveis e desatinados, dizia cheia de empáfia:

- Aí está no que dá contar muita prosa. Minha Assunta não é bonita, nem pretende ser artista, mas também não vai assim namorando qualquer um.

E dona Dolores, que passava agora o tempo a fabricar docinhos e a enviá-los à mãe de Didinho, soube de tudo quando o escândalo estourou, definitivo: Marita estava grávida. Aliás, todo o quarteirão já sabia do fato porque, comentando numa roda de amigos, o Felisberto, que realmente não valia um tostão, anunciou:

- Sabem de uma coisa? Vou dar o fora daqui. Este negócio vai rebentar a qualquer momento, e eu não quero compromisso, nem trouxo comigo.

Fugiu – e Marita caiu num tal desconsolo, foram dias de pranto e de desanimo tão fundos, que dona Dolores acabou perdendo a paciência e fazendo um interrogatório em regra pela vizinhança. Soube então, lívida, de toda a verdade. Voltou para casa quase sem dar acordo de si e segurou a moça contra a parede:

- Então, sua desavergonhada, você fez mesmo isto?

Ela rebentou num choro convulso:

Dona Dolores deu-lhe dois bofetões:

- E eu pensando que você fosse uma nova Dorothy Lamour! Há quanto tempo, sua descarada?

E ela confessou:

- Há três meses.

Dona Dolores viu-se perdida. Trancou-se em casa, cerrou todas as janelas, não ousava nem sequer sair para ir à missa. Viviam as duas frente a frente, silenciosas, inimigas. E assim o tempo passava, até que a criança nasceu e recebeu na pia batismal, tardio consolo para dona Dolores, o nome de Roberto, que era afinal o nome verdadeiro do famoso Didinho.

*

4 – Tornou-se avó sem nenhum amor, fazia a criança dormir, alimentava-a, costurava-lhe roupinhas, mas sempre em silêncio, a casa fechada, como se a peste houvesse tombado sobre ela. Às vezes, muito furtivamente, entreabria uma fresta da janela e olhava a rua – a mesma rua, onde outrora pavoneava sua tola, sua desastrada esperança. E algumas vezes via Didinho, já oficial, muito garboso, cumprimentando daqui e dali, sorrindo para toda gente. Vinha-lhe uma dor funda, um gosto ácido à boca. A criança chorava lá dentro, e ela ia embalá-la. Foi num desses momentos de silêncio, de pausa, que uma ideia começou a verrumar-lhe o espírito: quem sabe se tudo seria possível ainda, se não daria uma lição àquelas vizinhas tagarelas? Didinho ainda não possuía compromisso algum e Marita até melhorara depois do parto, mais cheia, certa tristeza no olhar. Sim, quem sabe tudo não seria possível?

O mal era a criança: que diria aos outros, com aquela terrível prova de inconsequência da filha exposta aos olhos de todos? Certa tarde, banhando o menino, uma ideia satânica, terrível, surgiu-lhe na consciência: matá-lo, aniquilar a única prova existente de seu fracasso. E o meio, naturalmente, surgiu enquanto banhava o pequeno corpo nu: deixá-lo escorregar, dizer depois que fora um acidente. Devagar, compreendendo que devia agir naquele instante ou nunca mais, agiria, foi abandonando o pequenino, até que a água o cobriu. Ainda viu as perninhas se debaterem, o choro convulso despertando sob o líquido uma infinidade de bolhas. Depois, tudo silêncio, aquela coisa ficou inerte no fundo, rosada, nua, como uma mancha clara sobre o branco da banheira.

Dona Dolores voltou-se, os olhos brilhantes, aliviada – e diante de si, de repente, deu com a única testemunha do crime, Marita, que fitava da porta, muda, atônita, o espanto e a repulsa impressos para sempre no olhar.

Galatéia

1 – Achava-se num bar da Cinelândia, quando ela entrou, e desde o primeiro momento ele verificou que se tratava de uma mulher excepcionalmente bela, vestida de um modo vulgar, é verdade, mas sem dúvida uma obra-prima da natureza. Bebeu mais uma ou duas doses de uísque e aproximou-se dela:

- A senhora dá licença?

A mulher volveu para ele os olhos veludosos e cheios de sombra:

- Não o conheço, disse.

Mas apesar de tudo suas palavras tinham um tom afável e ele percebia bem qual era a sua classe – evidentemente achava-se acostumada a aceitar estranhos em sua mesa.

- Não faz mal, tornou ele, afastando a cadeira, meu nome é Ricardo.

Ela deixou-o fazer, contemplando-o com os olhos semicerrados.

- E o seu? – indagou ele, ao mesmo tempo fazendo um sinal para o garçom.

- Galatéia – respondeu ela – e não havia em sua fisionomia o mais ligeiro traço de zombaria.

- Galatéia! – exclamou ele, encantado. É um feliz encontro então, pois sou pintor e escultor.

E já parecia admirá-la exposta nalguma tela, enquanto a nova Galatéia, com um olhar insondável, avaliava-o de estranhas e perigosas distâncias.

*

2 – Beberam aperitivo após aperitivo, e já era noite adiantada quando saíram do bar. Em pouco tempo tinham se convertido nos melhores amigos deste mundo, e levado talvez pela beleza da mulher, talvez pela sua envolvente simpatia, Ricardo tinha a impressão de que já a conhecia há muitos anos, e que agora apenas reatavam os laços de uma antiga amizade. iam caminhando pelo beiro do cais, escutando o barulho do mar. E Galatéia, que bebera um pouco mais do que de costume, encostara a cabeça ao ombro do companheiro.

- Oh, Galatéia, disse ele, venha ao meu “studio”. Preciso fazer já e já um retrato seu, assim nesta pose de abandono...

Sentaram-se, e ela começou a falar, Viera de São Paulo, onde morava com os pais pobres, filhos de imigrantes italianos. Lutara muito no Rio para conseguir uma vida estável, mas acabara desistindo de tudo, auxiliada por um noivo relapso e sem caráter que não hesitara em atirá-la naquela vida que levava agora. Mas ainda

assim, conservava sonhos – quem sabe não encontraria um dia o companheiro ideal, e trocaria aquela existência sem repouso pela doçura de uma pequena casa no interior?

Ricardo entusiasmou-se com a histórias, jurou que ela já havia encontrado esse companheiro ideal – ele! – e que acabariam morando realmente numa cidadezinha do interior, numa casa muito branca onde vicejassem escandalosas rosas vermelhas. Antes, porém, queria provar que encontrara sua musa inspiradora – fosse com ele ao “studio”, e queria ver sua arte ressuscitada, para vergonha e confusão dos críticos de arte.

Pelo seu lado, Galatéia sentiu-se comovida e foi – em a primeira vez que alguém a tratava assim de musa e de inspiradora, e na sua existência acidentada, onde um excesso de mal aparecia entrecortado um bem mais ou menos escasso, aquela possibilidade de ampara e inspirar apareceu-lhe o caminho propício e a prova, afinal, da magnanimidade dos céus para com a sua pessoa.

*

3 – Dois dias depois, Galatéia achava-se instalada no “studio” de Ricardo, uma mansarda pendurada sobre um abismo de Santa Teresa, com as luzes de Botafogo lá embaixo, e ventos fortes, constantes, vindos do mar.

Desde o primeiro momento Ricardo compreendeu que, se não se achava diante de sua musa inspiradora, pelo menos encontrara a mulher dos seus sonhos; estava apaixonado. Galatéia, que era experimentada, admirava-se daquela paixão acontecia tão rapidamente.

- Você é a minha deusa! Exclamava o pintor, manejando pinceis e esboçando a silhueta de sua nova obra-prima.

No princípio, tudo correu às mil maravilhas. Galatéia tratava da casa, enchia as jarras de flores, cuidava dos quadros empilhados a um canto, e cheios de terias de aranha.

- Um dia, avisava-lhe Ricardo, isto valerá muito. É um tesouro, pois sou um grande talento ignorado.

Galatéia olhava aquelas paisagens que não compreendia, e acreditava que seu companheiro fosse um grande talento desconhecido. No entanto, a vida no “studio” não era fácil e Galatéia enervava-se com as dificuldades:

- Por que é que você não vende um dos seus quadros?

Ele era dramático, decisivo:

- aguardo o julgamento da posteridade.

Um dia, no entanto, ela ameaçou-o:

- Se você não arranjar dinheiro, vou-me embora.

E Ricardo, que já não podia viver sem a sua companheira, apressou-se a jurar que traria no dia seguinte um grande crítico de arte, a fim de lançar ao mercado sua primeira remessa de quadros.

*

4 – O crítico veio realmente, e era um homem baixo, calvo, de olhar inquieto e modos desajeitados. Sentou-se num tamborete, pigarreando e exclamando:

- Vamos, vamos, que eu não tenho muito tempo.

Ricardo, aflito, o suor escorrendo pela testa, fez desfilar todos os seus trabalhos, desde a primeira “Natureza Morta”, até aquele último “Galatéia no banho”, que era o motivo do seu mais íntimo orgulho. O crítico examinava tudo com os olhos cerrados, como se estivesse dormindo. Tão grande era a sua imobilidade, que Galatéia tocou no braço de Ricardo:

- Que é que há?

E o pintor:

- Schiu! Está completamente embevecido...

E com os olhos brilhantes:

- Estamos ricos, meu amor!

Quando terminou o desfile, Ricardo esperou em vão que o crítico se manifestasse. Este continuava mudo, e foi mudo que estendeu-lhe a mão. Galatéia, aterrorizada, pendurou-se ao braço do amigo:

- Que é que você acha?

E ele, com um sorriso superior:

- Não há dúvida, meu bem, estamos ricos. Crítico da arte é assim mesmo, não liga aos artistas...

*

5 – As dificuldades, no entanto, acumulavam-se, e Ricardo já não tinha mais o que desculpar. Galatéia, na iminência de abandoná-lo, resolveu ela própria ir visitar o crítico de arte e propor-lhe o “grande” negócio. O homenzinho atendeu-a na redação de um jornal, nervoso e esquisito como sempre:

- Comprar aquilo? – brandou assim que escutou sua proposta. Deus me livre, não prestam nem para o fogo...

Galatéia exigiu explicações, e o crítico desvendou-lhe todo o segredo: seu companheiro era um frustrado homem sem futuro, já muito conhecido pelos seus insucessos. Jamais venderia o que quer fosse. Era o pior pintor da terra.

Ela foi para a casa, dominada por um penoso sentimento de ludibrio. Quando chegou, não encontrou Ricardo: sairá para pintar uma paisagem. Ela examinou durante algum tempo as telas empilhadas, tornando a ouvir a voz mentirosa: “estamos ricos, meu amor...” Então, num acesso de fúria, derramou uma garrafa de querosene sobretudo e ateou fogo. As telas arderam rapidamente, depois as chamas se comunicaram à casa. Galatéia, rápida, desceu o morro para se perder na cidade.

De longe, o pintor viu lá embaixo os rolos de fumaça:

- Um incêndio – pensou.

E depois de examinar o fumo um instante:

- Tem um belo efeito no horizonte, disse.

Estação

1 – Diariamente centenas e pessoas desfilavam diante de Lourdinha: caras de todos os feitios, gordas, magras, vermelhas, pálidas, com os característicos mais diferentes unificados, no entanto por uma única expressão: a da pressa. Queriam depressa a limonada, o café, o masso de cigarros. Depressa, depressa, tudo depressa. E ela achava extraordinário que nunca conseguisse guardar uma só daquelas fisionomias, que todas se esfumassem na sua lembrança, como visões inconsistentes. Depressa, e suas mãos seguravam a pinça de metal e retirava as xícaras da água fervendo, ou então servia o refresco, num ritmo alucinante, enquanto os trens apitavam, chegavam, partiam, as faces se transformavam, rápidas, angustiantes, numa sucessão que nunca tinha fim até que a noite vinha chegando, e uma brisa mansa soprava dos campos, trazendo um cheiro de lírio selvagem, uma sensação de paz, qualquer coisa enfim que se diluía como um bálsamo sobre a sua alma cansada.

2 – Naquela manhã, em que tudo brilhava feliz e novo ao sol do subúrbio, e florista transportavam na estação cestas de cravos e de rosas que deviam ter descido da serra. Lourdinha parecia mais contente e trabalhava com certo ânimo, esboçando para o desfile de faces anônimas, o melhor, o mais puro dos seus sorrisos. Foi neste instante que, fixando a vista – não rápida, não difusamente como sempre – viu o rosto sério, amável, simpático de Eduardo. Evidentemente ainda não sabia o seu nome, soube mais tarde, um dia em que ele a esperou na saída. Naquele minuto, no entanto, era apenas uma face que dizia como os outros:

- Depressa, o meu café.

Ela serviu depressa, e sorriu como a todo mundo. Ele ficou mudo, os olhos fixos nela, sem tomar o líquido.

- Depressa, disse ela brincando, o trem não demora.

- Não vou nesse trem, disse ele, e pousou de novo a xícara sobre o balcão.

- Em que trem você vai? – indagou ela, remexendo as xícaras com a pinça.

- Em nenhum.

- Por quê?

Ele não sorriu e nem pestanejou:

- Porque vou ficar olhando para você.

Ela deixou escapar uma risada gostosa:

- Pois então tem muito tempo para olhar. Fico aqui o dia inteiro...

*

3- Ele não ficou o dia inteiro, como prometera, mas de repente, como se acordasse, saiu correndo e dependurou-se da portinhola de um trem. De longe ainda atirou um beijo para Lourdinha. Ela fez um gesto com a mão e, voltando a servir o café, sentiu qualquer coisa esquisita, um vácuo no coração. O dia inteiro, enquanto a multidão indiferente desfilava, ela sentiu-se melancólica. Foi para casa devagar, depois de examinar detidamente seu rosto ao espelho: morena, duas covinhas, um riso que toda gente dizia ser simpático. E ao mesmo tempo, perdendo os cabelos com um laço de fita, indagava de si mesma: voltará ele, voltará amanhã?

Voltou, e disse que se chamava Eduardo. Ela serviu-lhe o café com os olhos brilhando:

- Não vá perder o trem, disse.

- Que me importa? – respondeu ele. Contanto que não perca você...

Riram, e enquanto os fregueses protestavam contra a demora, ele indagou muito sério, indiferente a tudo o que se passava em torno:

- Onde é que você mora?

- Pois não saio sem você me dizer...

E fincou os cotovelos sobre o mármore, olhos fixos na moça. Assim ficou, até que de repente, como da outra vez, saiu correndo e lançou um adeus de longe.

*

4 – Agora ela não tinha mais dúvida, amava-o, e era a primeira vez que amava alguém. Servia o café distraída, e os fregueses reclamavam:

- Olha ai, queimou-me a mão, não pode olhar para o que está fazendo?

Ela tinha vontade de explicar que estava olhando, mas que era inútil, não via nada. Outros, mais nervosos, gritavam:

- Derramou tudo, onde é que já se viu colocar uma boba para servir café?

E quanto mais reclamavam, mais Lourdinha se embaraçava. Quando caiu a noite, e ela passou o serviço à Cecília, esta lhe indagou:

- Que é que você tem hoje?

Lourdinha desta vez pôde ser franca, e um grande sorriso iluminou a sua face:

- Ah Cecília, nem sei o que me acontece... É uma coisa aqui dentro, uma vontade de ser feliz...

E quando se dirigia para casa, pela estrada esburacada, julgava que não havia nada mais bonito do que aquele mato que repontava de todos os cantos, e de onde iam surgindo vagalumes, enquanto um hausto surdo, crepuscular, agitava toda a espessa, inviolável vastidão da noite...

*

5 – Desde então conversavam sempre, Eduardo do lado de fora do balcão, ela dentro, servindo atabalhoadamente o café aos fregueses. As reclamações eram constantes, mas nem um nem outro ouviam coisa alguma do que se dizia. O mundo deles era outro, completamente à parte daquele em que viviam.

- E um desaforo! – gritavam.

- Não há uma gerência onde se possa reclamar – inquiriam outros.

E no entanto, através dessa tempestade, ela já sabia tudo o que era essencial: Eduardo trabalhava numa oficina de consertos de relógios, ganhava tanto, morava com a mãe. Queria se casar com ela, é claro, e já conversava numa casinha em Niterói, com um jardim à frente e um quintal ao fundo, onde pudessem plantar uma horta. E no entanto, fora dali nunca haviam saído juntos. Não que ele deixasse de propor, queria vir buscá-la todos os dias, etc. – mas Lourdinha mesmo é que não queria, achando o seu vestido muito feio, muito usado. Esperava o fim do mês para comprar outro e então sim, sairiam juntos, e ela poderia se mostrar à vontade em sua companhia. Eduardo protestava:

- Quero apresentá-la a minha mãe.

E ficou combinado que tudo se realizaria no próximo domingo.

*

6 – Foi a última vez em que ela o viu. Ele surgiu como sempre diante do balcão, dizendo:

- Você hoje está linda, Lourdinha.

Era um dia semelhante àquele em que se tinham conhecido, e o vento trazia de longe o mesmo cheiro agreste de lírios.

- Não brinque, dizia Lourdinha, olha que estou derramando café...

- Não brinco, Lourdinha, por que é que haveria de brincar? Desde o primeiro instante em que a vi, soube que você devia ser minha para sempre...

Lourdinha tinha os olhos cheios de lágrimas:

- Vai embora, pelo amor de Deus, Eduardo...

Você acaba perdendo o emprego...

- Não posso, meu bem, não posso deixar você. Que é que eu vou fazer?

Já o trem apitava longe, e toda a gente se movimentava.

- Depressa! – bradou Lourdinha, você perde o trem...

Ele não tirava os cotovelos do balcão, e repetia, embevecido:

- Você hoje está linda, meu amor...

Já o trem se detivera, a onda humana se deslocava e, com um apito surdo, a máquina já ia se colocar de novo em movimento.

- Depressa! Gemeu Lourdinha.

Então ele atirou-lhe um último beijo com a ponta dos dedos e saiu correndo. Ela deixou escapar um suspiro de alívio, viu-o perder-se na multidão. O trem apitou, pôs-se em movimento – e de súbito ela ouviu um grito lancinante, e viu a multidão precipitar-se para o ponto onde Eduardo desaparecera. Qualquer coisa espantosa devia se ter dado. Ela quis sair, precipitar-se para ver o que fora. Mas o terror paralisou-a. Alguém se aproximava, correndo:

- Que foi? – indagou ela com voz sumida.

E o homem que se aproximava:

- O trem esmagou o rapaz que caiu no leito da estrada.

Nem por um momento ela teve dúvida de quem se tratava. Imóvel, olhando o burburinho, deixava ainda o café escorrer pelo mármore, pelo chão – e era como o sangue que se esvaísse todo do seu corpo, da sua alma.

ANEXO – Fotos do Jornal A Noite RJ

Nesta sessão, busca-se apresentar o jornal de forma visual. Mostrando as mudanças ocorridas no periódico através das décadas e as publicações de Lúcio Cardoso. Interessante destacar como os contos ficavam em meio as notícias, quase que se fundindo.



Uma das primeiras capas do Jornal *A Noite*, publicada em 20/07/1911. A diagramação ainda é limpa, sem muita informação ou muitas manchetes.

Figura 9 - Década de 20. Publicação: 03/01/1925



Figura 10 - Publicação 03/02/1937



Década de 30, a disposição das notícias já está diferente. Há menos texto e as fotos estão maiores. Publicação 03/02/1937.

Figura 11 - Publicação: 24/01/1945



Década de 40. Aqui há de se reparar que as manchetes precisam ser maiores e mais chamativas. O nome do jornal que ficava centralizado no alto da edição, agora está posicionado no meio, entre uma foto e uma notícia. Publicação: 24/01/1945.

Figura 12 - Publicação 30/05/1952



Década de 50. A capa do jornal pouco lembra as publicações dos primeiros anos. As letras mudaram, o teor das notícias também. Agora o crime vem na capa e o nome do jornal se perde entre um chamariz e outro.

Figura 13 - Publicação 26/12/1959



Primeira publicação de tentativa de retomada do jornal. Foi uma publicação de 04 páginas feita pelos antigos editores em homenagem a história do jornal.

Figura 14 - Publicação 20/12/1960



Depois de quase 01 ano, o periódico volta a ser editado e fica em circulação até 1964, quando encerrou de vez suas atividades.

Os contos de Lúcio Cardoso

Figura 15 - Um homem de sorte, edição 14073, página 10, publicação 1952



Figura 16 - Noite, edição 14260, página 09, publicação 1952



Figura 17 - Vampiro, edição 14321, página 05, publicação 1953



Figura 18 - Carnavalesco, edição 14324, página 09, publicação 1953



Figura 19 - Estação, edição 14326, página 09, publicação 1953



Figura 20 - O cadáver, edição 14335, página 09, publicação 1953



Figura 21 - Assombração, edição 14365, página 10, publicação 1953



Figura 22 - No Banheiro, edição 14377, página 10, publicação 1953



Figura 23 - Loteria, edição 14413, página 07, publicação 1953



Figura 24 - Galatéia, edição 14437, página 09, publicação 1953

